

& tornou-se serpente : *Projecit, & versa est in colubrum*: Tomou Moysés outra vez a vara na mão, & converteose de serpente em vara : *Tenuit, versaquè est in virgam*.

192 A serpente he figura do peccador, como já disse: a vara he symbolo da penitencia: *Virga penitentiae cordis rigorem conterat*. E vara, aonde se vio hũa tão admiravel conversão de serpente venenosa, & peccadora em hum retrato da penitencia, he vara sô de Deos; & não de Moysés, que he homem: antes que houvesse conversão nesta vara, seria vara de Moysés: mas despois de taõ extraordinaria mudança, he sô de Deos esta vara: *Virgam Dei*: já não pertence à terra, toda he do Cèo.

193 Que ajustado exemplo pera o nosso caso. Aquella cõversaõ da vara foy hũ prodigio: a conversão da Magdalena foy hum portento. Aquella vara primeyro foy vara, despois serpente, & de serpente tornou a ser vara: Assim a Magdalena, primeyro foy vara tenra sem o contagio da culpa, antes do uzo da razão: despois do uzo da

razão se perverteo, & foy serpente, que inficionou a tantas almas: & de serpente peccadora se cõverteo em vara penitente. Aquella vara tornou-se serpente lançada em terra: *Projecit*: fóra da mão de Moysés, que representava a ley, & era figura de Deos: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*: Porém tanto que Moysés a tomou na mão, & a levantou da terra: *Tenuit*: converteose de serpente em vara. Assim a Magdalena, em quanto andou afastada da ley de Deos, fóra da sua mão, entregue ao mundo, dando no peyto o amor à terra: *Super pectus tuum gradieris*: foy serpente. Porém tanto que a tocou a mão de Deos: *Tenuit*: & se vio entre os apertos da mão, ou da ley: tanto que se levantou da terra, & do estzdo, em que estava, logo se converteo de serpente venenosa em hum exemplar da penitencia,

194 Aonde a vulgara lê: *Viam colubri supra petram*: lem outros: *Viam colubri super terram*. Concordemos estas intelligencias. Foy a Magdalena serpente sobre a terra, & foy serpente sobre

a pedra: foy serpente sobre a terra, quando viveo entre-gue ao mundo como peccadora: *Super terram*: foy serpente sobre a pedra Christo: *Secus pedes Domini*: quando se consagrou a Deos como penitente: *Super petram*. Tão prodigiosas forão no effeito da conversão as suas lagrimas: tal foy o defengano, com que depoz a peçonha das culpas, quando foy beber da fõte da vida, que já não he da terra, he do Cèo, já morreo para o mundo, & só vive pera Christo.

195 Vejamos agora a Magdalena como serpente aos pès de Christo em quanto pedra: *Secus pedes Domini*. A serpente quando se quer renovar, poe-se sobre hũa pedra: & unida bem com ella, despe a pelle antigua, & fica cõ nova pelle. Assim o affirmão alguns Authores. E nesta renovação da serpente sobre a pedra se symbolisa a renovação de hũa alma pela penitência. Desta sorte a Magdalena, qual serpente pera se renovar, buscou a melhor pedra Christo: *Viam colubri super petram*: que pera ella foy pedra de cevar; pois attra-

hiu a ty aquelle coração dantes tão duro como o ferro: ou pedra de toque, em q se approvãraõ os quilates do ouro fino de seu amor: *Dilexit multum*. E de tal modo se unio, & amarrou a esta pedra Christo, que alli ficou renovada, trocando os habitos envelhecidos das culpas, ou pera melhor dizer, as culpas que já tinha por habito, pelo habito da penitencia, & nova gala da graça.

196 A serpente começa a despir a pelle pela cabeça, como diz Plinio: pela cabeça, & pelo entendimento principiou a renovação da Magdalena: *Ut cognovit*. Mas notem hũa grande differença da renovação da Magdalena á renovação da serpente. A serpente muda a tunica exterior, mas não as qualidades interiores: porém a Magdalena em virtude de suas prodigiosas lagrimas, mudou o interior, & exterior: foy esta hũa conversão total. mudou-se toda, & de todo. Oh maravilhosa mudança da mão de Deos! *Hac mutatio dexteræ excelsi*. Quantos passos tinha dado pera a perdição, tantos desfandou agora pera o re-

medio: *Quot ergò de se habuit oblectamenta, tot de se invenit holocausta.*

197 Milagroso foy aquelle movimêto, com que retrocedeo o Sol no relógio de Achaz. Tinha o Sol cursado dez graos, & voltou a traz dez linhas: *Reversus est Sol decem lineis per gradus, quos descenderat.* E sendo o caminho, por onde hia a diante, mais espaçoso; por ser de graos: *Per gradus, quos descenderat*: o caminho por onde voltou a traz, foy mais estreito; por ser de linhas, que são indivisíveis: *Reversus est Sol decem lineis.*

198 Não foy menos prodigiosa a conversão da Magdalena, Sol, que dantes accêdeo a tantos em o fogo da lascivia, & agora Sol, que a todos alumia com o exemplo da penitencia: *Sol factus est niger tanquam saccus sibilinus.* Obrouse este prodigio da conversão no relógio de seu amor: a inclinação deste lhe servio de pezo, que a derribou aos pés de Christo: de rodas as lagrimas, ou pelo q̄ tiverão de impetuosas, ou de perpetuas: de volante os suspiros: de mão a liberalidade

nos dispendios. Voltou a Magdalena a traz dez passos: *Reversus est Sol decem lineis.* E se dantes desconcertado o relógio do amor tinha ido pelo caminho largo dos vicios: agora concertado já à sombra do Divino Sol, voltou a traz pelo caminho estreito das linhas, & da penitencia.

199 O primeiro passo, q̄ retrocedeo, foy com o entendimento, que se dantes errado tinha por objecto o falso, & aparente do mundo: já agora advertido tem sô por emprego a mesma verdade, q̄ he Christo: *Ego sum veritas: ut cognovit.* O segundo passo foy na vontade, que se dantes punha o seu ultimo fim nas creaturas: já agora poem o seu ultimo fim no Creador. O terceyro passo foy do coração, que se dantes foy officina de affectos depravados: já agora se abraza todo como Eterna em amores Divinos: *Dilexit multum.* O quarto passo foy em os olhos, que se dantes despediaõ settas pera os corações dos homens já agora despedem em rios de lagrimas chuveiros de settas pera o coração de Christo:

*Vulnerasti cor meum in uno
oculorum tuorum.*

200 O quinto passo foy nos cabellos, que se dantes por alinhados em prender almas forão tão soltos: agora já soltos, & desalinhados fervem de laços aos pès de Christo. E se dantes naufragavão tantos em suas ondas: agora só servem de praya, aonde batem as ondas, que formão os mares de suas lagrimas: *Capillis capitis sui tergebat.* O sexto passo foy nos ouvidos, que se dantes davão attenção aos affagos, & lifonjas profanas: já desde agora só se empregão em ouvir as palavras Divinas: *Audiebat verbum illius.* O septimo passo foy na boca, que se dantes proferia palavras descompostas: já agora se não ouvem nella mais que ays sentidos, que entre amorosos ofculos despede aos pès de Christo: *Osculabatur pedes ejus.* O oytavo passo foy nos unguentos, que se dantes os empregava em sy propria pera incentivos desonestos: já agora os offerece seu amor aos pès de Christo por obsequios caridosos: *Unguento ungebat.*

201 O nono passo foy na

publicidade; porque se dantes tinha sido o mayor escandalo do mundo por peccadora publica: *Mulier, quæ erat in civitate, peccatrix:* já desde agoa he do mundo a mayor edificação por publicapenitente; & tanto q̃ o mesmo Christo a canoniza: *Vides hunc mulierem?* O decimo passo foy nos mesmos passos, que se dantes os dirigia pera o mundo de encaminhada, & como serpente não indo pelo caminho direyto: *Serpens tortuosè incedit:* diz Plinio: já agora seguindo o caminho direyto encaminha seus passos pera Christo arrependida: *Quæ diù male ambula verat, vestigia recta quærebat:* disse elegantemente o grande Agostinho meu Padre.

202 Eis aqui como aquelles passos, que a Magdalena deu pera a ruina, desandou pera o remedio. E taõ maravilhosa foy a mudança, que não ficou algum vestigio do que dantes fora. Querome aproveitar dos tres enigmas. Que razão haverà pera se comparar a conversão da Magdalena ao caminho pelo ar, pelo mar, & pela pedra,

& não ao caminho pela terra? Direy. Quem caminha pela terra deixa pégada: porém a aguia voando pelo ar, a não indo pelo mar, a serpente sobre a pedra não deixão rasto, como bem notou Sanches: *Non relinquunt vestigia.*

203 Comparese pois a conversão da Magdalena ao caminho da serpente sobre a pedra, da não em o meyo do mar, da aguia pelo ar: & não ao caminho pela terra, pera q se veja q foy tão prodigiosa a mudança, que fizeram nella aquellas lagrimas, que nem lhe ficou vestigio do que era, nem sinal do que fora. Ainda não disse tudo. Foraõ tam maravilhosas as lagrimas no effeito da conversão, que totalmête tranmutarão à Magdalena não só em quanto à moralidade do estado, mas ao q parece tambem em quanto ao ser físico da natureza.

204 Ouçaõ hum pensamento engenhoso de Santo Ambrosio: *De meritrice fit virgo:* diz elle fallando da Magdalena: de deshonesto se tornou virgem. Notavel dizer! Se dislera o Padre que de deshonesto se fizera casta, bem estava: mas de deshonesto

virgem? Sim. Fazerse casta, quem foy deshonesto, he mudar de vida, & de estado: mas fazerse virgem, quem foy deshonesto, he mudar de natureza. E quiz sem duvida mostrar Santo Ambrosio que forão taõ prodigiosas as lagrimas da Magdalena no effeito da conversão, que não só a mudarão em quanto ao moral do estado, mas em quanto ao ser físico: fizeraõna mudar de vida, & de natureza.

250 Estranhou o Fariseo a Christo deixarse tocar da Magdalena, julgando que Christo não sabia quem, nem qual era a mulher, que o tocava: *Hic si esset propheta, sciret utique quæ, & qualis est mulier, quæ tangit eum.* Notem o *Quæ, & qualis:* quem, & qual: Estas palavras tem diferente significado. O *quæ:* no entender de hum grande Expositor dos Evangelhos, significa a pessoa, & a natureza: o *Qualis:* o estado, ou a vida: *Quæ significat personam, qualis dicit statum.* E veyo a dizer o Fariseo que Christo nem sabia quem era a Magdalena em quanto ao ser da pessoa, nem em quanto ao estado da vida.

206 Quero agora arguir o Fariseo. Tu, oh Fariseo, es o que ignoras, quem, & qual he a mulher, que Christo tem a seus pès: *Quæ, & qualis*: Cuidas que he aquella mulher peccadora publica? *Mulier, quæ erat in civitate peccatrix*. Oh como te enganas! Nem he aquella mulher: *Quæ*: porque mudou de natureza: nem he peccadora: *Qualis*: porque mudou de vida: tam maravilhosas forão as suas lagrimas no effeito da conversão, que não só transmudaraõ o estado da vida, mas o ser da natureza.

207 E a razam pòde ser. Porque os costumes passaõ a ser natureza: *Consuetudo est altera natura*: E com mais facilidade os maos, pera os quaes he mayor a nossa propensaõ. Como os peccados da Magdalena por habituaes, erão peccados de costume, passãrão a ser natureza: & mudou da natureza, tanto que mudou de costumes. Oh lagrimas prodigiosas no effeito! Oh conversão admiravel, aonde foy total a mudança! De serpente venenosa se converteo em hum exemplar de

penitencia: Eão só mudando como serpente se bre a pedra o exterior, mas o interior: & de tal modo que não só melhorou de vida, mas tambem mudou de natureza. Ainda havemos de sobir mais de póto. Se a Magdalena por meyo de suas lagrimas fez huma mudança na melma natureza pera Christo: tambem Christo movido dessas lagrimas, parece, mudou de natureza pera com a Magdalena.

208 Repararão em que aquella penha do deserto de Cadés mudou, ao que parece, da natureza; porque sendo dantes pedra: *Loquimini ad petram*: tanto que Moysés lhe applicou a vara, & repitio os golpes, logo ficou pederneira: *Percutiens virgabis silicem*: que encerra em suas entranhas fogo; & por isso he symbolo de hum coração amante: sendo dantes pedra sòmente: *Loquimur ad petram*: com repetidos golpes da vara se converteo em copiosa fonte: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*. E que vara foy esta, que com os seus golpes assim fez mudar esta penha? A pedra como já dissemos, era figura de Christo.

A vara representava a Magdalena em sua conversão; porq̄ era de Moysés, que de serpente se converteo em vara: a vara sobre a pedra, he a Magdalena aos pés de Christo: *Secus pedes Domini.* A repetição dos golpes que outra coula foy mais que a repetição das lagrimas, que como settas ferirão o coração de Christo?

209 E forão tão prodigiosas estas lagrimas, tam efficazes estes golpes, que parece fizeraõ mudar a Christo de pedra dura em pederneira amorosa: *Percutiens virgabis silicem:* de pedra dura em suave fonte, que se desentranhou em rios de graças, pera apagam a Magdalena a fede das culpas: *Egressæ sunt aque largissimæ.* Mudou a Magdalena como de natureza pera com Christo em virtude das suas lagrimas: & movido Christo destas lagrimas, parece, mudou tambem de condição pera com a Magdalena. E assim se dantes a condena, agora plenariamente a absolve: *Remittuntur tibi peccata:* se dantes estava averso, já agora fica converso: *Conversus ad mulierem.* Oh

lagrimas prodigiosas no effeito!

210 E se com os golpes daquella vara, que foy serpente, a pedra se desfez em rios de agoa: à vista das lagrimas da Magdalena cõvertida de serpente inficionada com os vicios, em vara frutifera da penitencia: que coração haverà que senão derrera? Que peccador, que senão reduza? Que alma, q̄ se não melhore? Que vida, que senão emmede? Lá mandava Deos no capitulo vinte & hum dos Numeros que os que se achassem feridos das serpêtes de fogo, puzessem os olhos naquella serpente de metal, & sárariaõ: *Qui percussus aspexerit eum, vivet:* Porque ainda que tinha a forma de serpente, não tinha de serpente o veneno. Assim tambem os que se acharem feridos da serpente infernal, ou das serpentes do fogo da lascivia, ponhão os olhos na nossa mysteriosa serpente, tomem o exemplo da Magdalena: & logo se acharão melhorados. Porque já não tem de serpente o veneno ou a malicia, sò tem de serpente a mēzinha, & a prudencia.

211 Oh se hoje as lagrimas da Magdalena forão as vezes do pregador, assim como são o assumpto do sermão ! Oh se o mesmo que estas lagrimas fizerão em a Magdalena, obrára o meu sermão neste auditorio ! Se assim como a Magdalena se converteo chorando, nos foramos cõ as nossas lagrimas à imitação da Magdalena convertendo ; Imitemos a Magdalena na pressa, com que buscou o remedio de nossas almas cõ toda a pressa. Imitemola na copia & continuação das lagrimas, chorandoas pelo numero, & medida de nossas culpas, que sam sem medida, & sem numero. Porque ainda que as lagrimas não apaguem a sede das mesmas lagrimas, apagam a sede das culpas, a sede do odio, a sede da ambição, a sede da enveja, a sede da avareza, apagão a sede do mesmo Christo : *Sitit lachrymas Magdalene. Af-*

sim explica Engelgrave esta sede de Christo.

212 Não nos expenhamos a que no dia do juizo nos diga: *Sitivi, & non dedistis mihi potum.* Vinde qua peccadores obstinados: tive sede da vossa penitencia, & das vossas lagrimas: *Sitivi:* & não me correspondestes com as lagrimas da penitencia: *Non dedistis mihi potum:* Pois já q̃ não quizestes com as vossas penitentes lagrimas apagar a minha sede, ireis arder em o fogo, q̃ se não apagará por hũa eternidade: *Discedite à me maledicti in ignem eternum.* Imitemos a Magdalena na mudança da vida, dando á nossa vida hũa volta, já q̃ tantas voltas damos pera o mundo. E logo à semelhança da Magdalena, como serpentes, nos renovaremos pela penitencia com nova gala da graça: como aguias voaremos pera Deos: & como naos iremos ter pelo mar de lagrimas ao porto da gloria.



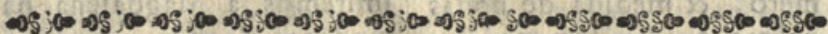
S E R M ã O

DA

SEXTA SEXTA FEYRA
da Quaresma.

P R E' G A D O

NA CAPELLA REAL DA UNIVERSIDADE
de Coimbra.



Ab illo ergò die cogitaverunt ut interficerent eum.

Joannis II.

213



Esta sexta feyra chama commu-
mente o mundo a sexta feyra do
conselho. E eu dissera que se em
hum sentido he sexta feyra
do conselho, em outro senti-
do he a sexta feyra sem conse-
lho. He sexta feyra do con-
selho tomando este termo
conselho no sentido do Evan-
gelho, em quanto significa a-

juntamento de muytos pera
votarem sobre algũa propo-
sta. Porque diz o texto que
nesto dia fizeraõ os Pontifi-
ces, & Fariseos hũa junta: *Col-
legerunt ergò Pontifices, &
Pharisæi concilium.* Porém
em outro sentido se pôde
chamar sexta feyra sem cõse-
lho, ou conselho sem cõselho.

214 Porque se o conselho
nesto segundo sentido he hũa
determinação recta, regulada
pelos

pelos dictames da prudencia: como se pôde chamar dia do conselho, o dia, no qual em lugar da rectidão, predominou o odio, & a inveja: & em lugar da prudencia presidio a ignorancia? Com mais razão se devia chamar dia, em que se fez junta de inimigos conjurados, que dia em que se fez congregação de prudentes conselheiros. Por dous titulos foy este conselho cõtra a razão: foy conselho contra a razão; porque foy cõtra Christo, que he a mesma razão, em quanto Verbo: foy contra a razão; porque se fez a fim de se condenar a innocencia.

215 A proposta do conselho foy esta: *Quid facimus? Quia hic homo multa signa facit*: Que fazemos? Como tardamos em atalhar os passos a este homem, que obra tantos, & tão insignes milagres? Este homem: Admirase: Saõ João Chrystostomo q̄ lhe chamassem homem: *Hic homo*: vendo nos milagres tãtos testemunhos de sua Divindade: *Adhuc hominem appellant, cū tale ejus Divinitatis testimonium receperint*. E noto eu que ainda em quanto homem lhe não sabião o nome: *Hic homo*: desprezo he este; q̄

costumã fazer a enveja: *Præ contemptu, ac invidia nomen ejus non nominant*: diz o mesmo Padre.

216 Assim se houve Caim cõ Abel. Perguntoulhe Deos por Abel seu Irmão, & elle respondeo que não sabia de seu Irmão, & não o nomeou Abel: *Num custos fratris mei sum ego?* Assim se houverão com Joseph seus Irmãos: *Ecce somniator venit*: lá vem o que sonhou, não disserão, lá vem Joseph. Assim se houve Saul cõ David: *Cur non venit filius Isai?* não o nomeou David, mas filho de Isai. Mas que muyto se Saul envejou a David o applauso, os Irmãos a Joseph a fortuna, Caim a Abel a innocencia. He o bom nome de hũ sogeito o mayor estímulo da inveja.

217 O mesmo foy acquirir David hũ grande nome em Israel: *Celebre factum est nomen ejus nimis*: q̄ grangear em Saul hũ inimigo grãde: *Factus què est Saul inimicus David cunctis diebus*. Dilatou se o nome de David a toda a quella terra: extendeo se o odio de Saul a toda a vida: fez se immortal o nome de David: fez se mortal o odio de Saul.

Porquê Christo resplandece com milagres, porque tem a aceitação do mundo, culpaõ os conselheiros a remissão em o perseguirem: *Quid facimus?*

228 No mundo ao mais avultado no prestimo, ao mais subido na opinião se fazem de ordinario os tiros. O monte, que mais se levanta, mais se expõem ao rayo, que o fere: o Sol, que mais resplandece, mais fogueito está à nuvé, que o assombra. Não fora o Sol tão lustroso, não fora o monte tão eminente: nem o monte experimentara os tiros dos rayos, nem o Sol as opposições da nuvem.

229 Todo o fundamento desta proposta era hũa razão politica, ou pera melhor dizer, hũa politica contra a razão; que estas vem a ser de ordinario as politicas do mundo: *Si dimittimus eum sic, omnes credent in eum: & venient Romani, tollent nostrum locum, & gentem*: se não cortamos os passos a este homem, diziaõ os conselheiros, todos crerã nelle, & o acclamarã n por Rey, & por Messias: & estimulados os Romanos virã,

& assolarã a nossa gente, & republica. Oh cegos conselheiros! Por conveniencias temporaes quereis atropellar as leys da justiça, & condenar huma innocencia! Vede que vos ha de succeder muyto ao contrario do que cuidaes; porque virã tempo, em que vereis destruida a vossa gente, & republica: *Temporalia ergo perdere timuerunt, & vitam aeternam non cogitaverunt; & sic utrumque amiserunt*: disse elegantemente o grande Agostinho meu Padre.

230 Indecisos os côselheiros não na substancia, mas no modo da sentença, resolveo Cayfãz Pontifice daquelle anno, & presidente do conselho, que era conveniente morresse Christo pera que não percesse o povo todo: *Expedi vobis, ut unus moriatur homo pro populo, & non tota gens pereat*: E sendo este seu dizer profetico, como diz o texto: *Cum esset Pontifex anni illius prophetavit*: no entender de Cayfãz foy impio. O Espirito Santo queria significar com aquellas palavras que convinha morresse Christo.

Christo pera que o mundo se resgatasse do peccado. O que Cayfáz entendeu o foy que importava morresse Christo pera que o povo se livrasse do temor dos Romanos.

231 Assistiolhe o Espirito Santo na lingua, & o diabo no coração; porque tinha odio a Christo: *Spiritus Sanctus loquitur in lingua Cayphæ: diabolus assistit in corde:* diz São João Chrysoftomo. Este arbitrio contentou tanto aos congregados, q̄ daquella hora decretarão uniformemēte a morte de Christo: *Ab illo ergo die cogitaverunt, ut interficerent eum.* Não houve quem contradislesse ao parecer de Cayfáz. Eraõ os conselheiros taes como o Presidente. A mayor obrigação dos conselheiros he opporemse à vontade dos Princeses, quando esta encontra a razão Doutamēte o disse Cassiodoro: *Boni cōsiliarii debent malis voluntatibus principis se opponere.*

232 Dizem os Mathematicos que o impetuoso raptado primeiro movel fora bastante pera soverter o mundo, se o não moderarão os Planetas com suas qualidades, &

influencias: & porque os Planetas se oppoem ao movimento arrebatado deste Céo, por isso se conserva o mundo illeso. São os conselheiros na republica, o que os Planetas no Céo, são Planetas, que assistem ao principe, que he o primeiro movel: & quando os movimentos forem arrebatados, tem obrigação de os encontrarem com os seus cōselhos. E os que assim o não fizerem, sendo os Planetas estrellas errantes, sò terã de Planetas o serem errantes, & não o serem estrellas.

233 Errados se mostrãõ os conselheiros em concordarem todos com Cayfáz no decreto: & assim conformemente proferirão cõtra Christo esta sentença: *Ab illo ergo die cogitaverunt ut interficerent eum.* Não sò tinham voto consultivo, mas tambem decisivo, eraõ conselheiros, & juntamente juizes. Assim se collige daquellas palavras do texto: *Quid facimus? Si dimittimus eum sic.* E mais claramente das palavras do nosso thema: *Ab illo ergo die cogitaverunt, &c.* que no entender de Leoncio, & outros querẽ dizer: *Cōsultationē finierunt.*

erunt, & firmaverunt eam cō-
muni decreto, & quasi sena-
tus consulto.

234 *Ab illo ergò die cogi-
taverunt ut interficerent eum.*

Esta foy a conclusãõ do con-
selho: & esta tambem he a cõ-
clusãõ, que se tirou das pre-
missas do texto, como denota
a particula: *ergò*. Esta conclu-
sãõ, ou se póde considerar em
quanto narraçãõ do Evange-
lista, & assim he conclusãõ
verdadeira: ou em quanto
conclusãõ do conselho tirada
das premissas. E neste senti-
do digo que não foy pelos
conselheiros bem deduzida;
porque foy conclusãõ de hũ
conselho sem conselho. Isto
mostrará o sermão. E como a
conclusãõ tem tres clausulas:

Ab illo dic: eis ahi a primei-
ra: *Cogitaverunt*: eis ahi a
segunda: *Vt interficerent e-
um*: eis ahi a terceira: contra
estas tres clausulas porey tres
razões de duvidar, & tres ra-
zões de decidir.

235 O conselho publico,
qual foy este, pera ser acer-
tado, ha de constar de tres
cozas: de animo bem inten-
cionado, de direcções da pru-
dencia, & não se ha de or-
denar a respeito particula-

res, mas a utilidades com-
muas: *Consilium* (diz hum
Douto) *est ordinatio ex rec-
ta intentione proveniens, pru-
dentium deliberatione valla-
ta, bonum commune respici-
ens*. Porque o conselho, aon-
de he mal intencionado o a-
nimo, não he conselho, he
paixão. O conselho, aonde
se não seguem os dictames da
prudencia, não he conselho,
he ignorancia. O conselho,
aonde se não attende ao bem
commum, não he conselho,
mas he respeito, ou interesse.
Estas são as partes essenciaes
do conselho. E se eu mostrar
com o mesmo Evangelho,
como faltarão nos conselhei-
ros desta junta, ficará claro q̃
foy a conclusãõ de conselho
sem conselho.

236 *Ab illo ergò die cogi-
taverunt ut interficerent eum.*

A ultima clausula do thema
ferá a primeira que dará ma-
teria ao discurso: *Vt interfice-
rent eum*. Contra ella pro-
ponho assim a primeira ra-
zão de duvidar. Que os Ju-
deus determinassem tirar a
Christo a vida, não me admi-
ra; porque senão podia es-
perar menos da sua mal-
dade: mas que decretassem

*Cicer. de
offi. Ber.
chor. ver-
bo consi-
lium.*

a morte como conclusam: *Ab illo ergo die*: coufa he, que não entendo. Esta conclusam não he legitima em quanto conclusaõ logica, nem em quanto conclusaõ juridica de conselho.

237 Não he legitima em quanto conclusaõ logica; por que esta hase de conter nas premissas: & eu não vejo no texto premissas, em que se contenha esta conclusaõ. Porque as premissas saõ milagres: *Multa signa facit*: saõ virtudes: *Omnes credent in eum*: E destas premissas se devia tirar por consequencia o applauso, & não a morte: *Interficerent eum*. Nem tambem he legitima em quanto conclusaõ juridica, ou de conselho; porque no tribunal da justiça não ha consequencia de pena sem antecedente de culpa: *Pena presuppõnit culpam*. Pinta-se a justiça, conforme Aulo Gellio, com a espada em huma mão, & a balança em outra. Razão he que a justiça tenha espada pera ferir, mas tambem ha de ter balança pera pezar: porém ter espada pera offender a vida, & não ter balança pera pezar a causa, isso não he justiça: lo-

go se no texto nam ha antecedente, cu premissas de culpa, não he legitima a consequencia da morte: *Interficerent eum*.

238 Esta he a primeira razão de duvidar. Mas contra ella vem a primeira razão de decidir. Assim havia de ser pois era conclusaõ de hũ conselho sem conselho, aonde faltou a primeira parte essencial, que he o animo bem intencionado: *Ordinatio ex recta intentione proveniens*. He verdade que aquella conclusaõ senão segue conforme os preceytos da logica, & do direito: mas segue conforme as disposiçoens do odio, & da inveja. Entrarão nesta junta os animos dos cõselheiros depravados cõ dous affectos, o do odio, & o da inveja, o do odio contra a innocẽcia de Christo: o da inveja contra os milagres: *Christium odio habebant, & miraculis invidabant*. Vamos primeiro ao odio.

239 Nas disposiçoens do odio, das premissas da innocẽcia se infere bem a conclusaõ da morte: *Ergo ut interficerent eum*: Mais digo. No tribunal do odio quãto a innocẽcia he mais notoria, tanto a con-

clusão da morte he mais infallível. No capitulo vinte & quatro do segundo livro dos Reys refere o texto aquelle celebre encontro, que teve David com Saul na cova: & como tendo David occasião de lhe tirar a vida, não fez mais que cortarlhe hũ pedaço de vestidura. E despois de contar hũa larga pratica, q̄ entre sy tiverão, tira por remate esta conclusão: *Abijt ergò Saul in domum suam: & David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca:* Aquelle: *ergò:* tambẽ se refere a David em virtude de cõjunção: *Et.* Não vi eu conclusão tão pouco coherente cõ as antecedenças do texto.

240 A consequencia do q̄ David passou com Saul, foy buscar lugares mais accomodados pera a segurança da sua pessoa? Tão temeroso David, quando pôdia estar mais sossegado? Não tinha David de presente obrigado a Saul cõ a generosa acção de o deyxar com vida, tendoa tanto nas suas mãos? Não o cõfessou Saul assim? *Et tu indicasti hodie, quæ feceris mihi bona, quomodo tradiderit me. Dominus in manũ tuam, & non*

occideris me. Não lhe deu o titulo amoroso de filho? *Nã, quid vox hæc tua est, fili mi David?* Não conheço com certeza q̄ David havia de reynar em Israel? *Et nunc quia scio quòd certissimè regnaturus es.* E nesta supposição não obrigou a David q̄ fizesse cõ elle contratos da paz, & os firmasse cõ juramento? *Et juravit David Sauli.*

241 Pois à vista destas confissoens, & destes afagos de Saul pera com David: à vista destes juramentos, & destes beneficios de David pera cõ Saul, tem David que temer? Assim como he imprudencia confiar quando ha razão pera temer, tambem he cobardia temer quando ha razão pera confiar. E se David tem nesta occasião tantos seguros, pera que se quer prevenir com tântas cautelas, que tire por consequencia do q̄ passou cõ Saul, legurar mais sua pessoa? *Abijt ergò Saul in domũ suam: & David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.*

242 Direy o que me parece. Entre os colloquios, que tiverão entra sy, confessou Saul que David era mais justo, & innocente. *Justior tu*

es quám ego. Nenhū homem, principalmente se he envejofo, avalia a outrem por mais justo do q̄ a sy mesmo: & sendo envejofo Saul, julgar q̄ era David mais justificado q̄ elle, grande abono da innocencia de David! E como David vio q̄ Saul naquella occasiã canonifava mais a sua innocencia, então entendeo lhe era necessaria mayor segurança. Fez este discurso. Contra a mayor innocencia se apura mais o odio: agora estã a minha innocencia no tribunal de Saul mais qualificada: pois agora estã no seu tribunal a minha vida mais perigosa: pelo mesmo cazo que do meu proceder tem melhor conceito, devo eu temer mais o seu odio. E como agora corre mayor risco a minha vida, quero buscar mayor segurança à minha pessoa *David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.*

243 Do antecedãte da mayor innocencia da pessoa tirou por consequẽcia o mayor risco da vida. E a razão he. Porq̄ como o odio he opposto à innocencia, quanto esta mais se requinta, tanto o odio mais se affia. Sendo fogoso o odio tẽ esta differença do rayo: ora-

yo afroxa na brãdura da cera, & accendese na resistencia do brõze: o odio pelo contrario, afroxa na dureza da maldade, accendese na brandura da innocencia.

244 E sendo no tribunal do odio a innocencia antecedẽte da cõclusão da morte, ainda o foy mais no caso do presente Evangelho, aõde o odio concorreõ cõ capa de razão. Querriã os Judeus que morresse Christo: & a este fim fizerão junta de muytos conselheiros & dos mayores: *Collegerunt ergò Pontifices, & Pharisei concilium.* Pergũto. E não podiaõ tirar a vida a Christo sem fer por determinação de cõselho? Sim podiaõ. Porẽ quizerão pallear a sua maldade, por que cõdenando a Christo em hũ cõselho de muytos, & dos principaes do povo, pareceffe zelo, o que era odio, pareceffe rectidão, o q̄ era injustiça: *Factum est conciliũ, ut Christi cõdemnatio à pluribus feret, & justa videretur apud populum:* diz Salmeron. Dar a Christo a morte sem fer em conselho, era cõcorrer o odio como odio: decretar a morte de Christo em conselho, era cõcorrer o odio com capa de justia.

245 Este he o estillo ordi-

nario do mundo, aonde todo o vicio se disfarça com a capa da virtude. A lisonja quer parecer amizade: a vingança honra: a temeridade valentia: a teima constancia: a hypocrezia santidade: a calumnia zelo: a mentira destreza: a avareza temperança: a cobardia prudencia: o odio justiça. Assim succedeo no caso presente: quizerão os Judeus vestir a sua malicia com as cores da razão. Muyto he pera temer o odio, quando persegue como odio: mas muyto mais, quando persegue com pretexto de justiça.

246 A razão he. Quando o odio persegue como odio, he inimigo declarado: & quando persegue com capa de justiça, he inimigo encuberto: & he mais facil acautelar do inimigo declarado, q̄ do inimigo encuberto. Quê vir cobrirse o odio cō a capa da justiça, pôde inferir por boa cōsequência a morte do innocente. No mesmo lugar, que já ponderamos, temos a prova do pensamento. Em cōsequencia do q̄ David passou cō Saul, se resolveo a assegurar mais a sua vida: *David, & viri ejus ascenderunt ad tutiora loca.*

247 Torao a reparar. Que

motivo teve David, pera temer mais a Saul despois deste encontro, do q̄ dantes? Não sabia que Saul o determinava matar havia muyto tempo? Não lhe tinha mostrado a experiencia, que na mesma occasião, em q̄ lhe afugentava o demonio do corpo, Saul o queria atravessar com hũa lança? Pois q̄ razão tem de novo, pera segurar mais sua pessoa, & inferir esta consequencia? *Abijt ergo, &c.* Se as premissas desta conclusão erão a innocencia de David, & o odio de Saul: & David já dantes era innocente, & Saul mal intencionado: porq̄ se cõsidera em mayor risco agora q̄ dantes? A razão está na letra do Texto. Vio David que nesta occasião disfarçava Saul o seu odio com capa de justiça.

248 Notem. *Justior tu es, quàm ego.* Disse David a Saul: sois mais justo do que eu sou: sois mais justo? logo suppunhase Saul a sy justo; porque a verdade do comparativo em hum, suppoem a verdade do positivo em outro. Mal posso verificar q̄ Pedro he mais justo que Paulo, se Paulo não for justo. E discordeo assim David: Saul quer parecer justo, quando me tẽ mor-

tal odio? Na occasião, em q̄ vem com tres mil soldados recolhidos pera me tirar a vida? *Assumens ergò Saul tria milia virorum electorum ex omni Israel, perrexit ad investigandum David*: Pois agora que assim se disfarça o seu odio com capa de justiça, está em mayor perigo a minha innocencia.

249 Quando Saul persuadia a Jonathas, & aos seus criados que me matassem: *Locutus est Saul ad Jonatham filium suum, & ad omnes servos suos ut occiderent David*. Quando me arremeçava huma lança ao peito: *Nisus què est Saul configere David lancea in pariete*: então se armava contra mim o seu odio como odio, & não tinha tanta razão pera temer: mas agora que o seu odio toma cores de justiça: *justior tu es quàm ego*: já não ha que esperar: como he mais evidente o perigo da vida, he necessario uzar de mayor cautela: *Abijt ergò Saul in domũ suam: & David, & viri ejus ascenderunt in tutiora loca*. Esta consequencia inferio David vendo que no tribunal de Saul queria o odio parecer justiça. E esta con-

clusão da morte se tira tambem no Evangelho: *Ab illo ergò die cogitaverunt ut interficerent eum*: por se armar contra a ignorancia de Christo o odio dos Judeus com capa de razão, decretandolhe a morte em conselho, pera se mostrarem justificados, os que procediaõ inocentes.

250 Seguese tambem a conclusão da morte do antecedente dos milagres; (esta he a segunda parte) porque rrynavava naquelle tribunal a enveja: *Multa signa facit. Miraculis invidabant*. Estes dous vicios do odio, & enveja, ainda que tem entre sy grande semelhança, tem tambem esta differença. O odio he desejo de fazer mal a outrem: a enveja he hũ pezar do seu bem. Pera o odio o mal alheo he o mayor bem: pera a enveja o bem alheo he o mayor mal. Saõ os envejolos como as ferreas, que na tempestade cantão, na bonança lamentão: saõ como certas aves, que entre as corrupçoens vivem, & entre os presumes morrem. Donde nasce que tendo todos os vicios algũa razão de bem apparente ainda que desordenado, a enveja não tem hum al-

gum;

gum; porque he hum puro mal.

251 Disseo doutamente Santo Thomas de Villanova: *Alia vitia aliquod bonum prætendunt, licet inordinatè: invidia verò purum malum.* Pelo que disse o mesmo Padre que só no inferno tinha a enveja seu defcanço; porque como lá tudo he padecer, não ha bem, que se possa envejar. O mayor tormento da enveja he a preferencis alhea, ou seja nas prendas da natureza, ou nos dotes da graça, ou nos favores da fortuna, ou nos reales da opinião. E como os Judeus viaõ que Christo resplandecia com tantos milagres: *Multa signa facit: & tinha a acceytação de todos: Omnes credent in eum:* estimulouse de forte a sua enveja q̄ determinarão polo em hũa Cruz: como o viaõ tão preferido, tirarão por consequencia q̄ devia ser crucificado: *Ab illo ergò die, &c.*

252 Estando Jacob em os ultimos dias da vida, trouxe Joseph à sua prezença os dous filhos que tinha Manasses, & Efraim pera q̄ o velho lhes lançasse a benção. Pegou Joseph de Manassés, q̄ era o ma-

is velho, & polo á mão direita de Jacob: & a Efraim, que era mais moço, polo à mão esquerda: *Et posuit Ephraim ad sinistram Israel, Manasses verò ad dexteram Patris.* E que fez Jacob? Trocou, & cruzou as mãos, pondo a mão direita sobre a cabeça de Efraim, q̄ estava do lado esquerdo, & a mão esquerda sobre a cabeça de Manassés, que estava do lado direito: *Qui extendens manum dexteram, posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse, qui maior natu erat, commutans manus.*

253 Pergunto. Se Jacob naquella benção queria antepor Efraim a Manassés, não era melhor mudar a ordem dos lugares, pôdo da parte direita a Efraim, q̄ estava da parte esquerda, & da parte esquerda a Manassés, que estava da parte direita? Pera que era a troca das mãos? Olhem, neste trocado se encerrou grande mysterio. O trocar Jacob as mãos, foy fazer hũa fórma de Cruz: assim o dizem Tertuliano, & São João Damasceno: *Manus cancellatæ præsignarunt crucem Christi.*
E

E que combinaçam tinha a Cruz com a benção? Muyta. Naquelle occasião Jacob antepunha Efraim a Manasses: *Constituit què Ephraim ante Manassen*: pondolhe sobre a cabeça a mão direita, naqual se representava a preferencia em todos os bens, & graças, na fortaleza, na honra, na gloria, na prosperidade, &c. Assim o diz o Alapide.

254 E como Jacob dava a preferencia a Efraim, achou que por cõsequencia lhe havia de pronosticar hũa Cruz; porque o ser crucificado he o conseqüente do ser preferido. Discorreo Jacob assim: A preferencia he o mayor estímulo da enveja: Efraim nesta minha benção fica preferido: logo ha de ser envejado. E como fica exposto aos tiros da enveja, fica também sogeto aos rigores de hũa cruz: & assim quero cruzar as mãos, pera q̃ cõ a mesma acção, com q̃ lhe dou a primazia na benção, lhe annuncie as perseguiçoens na cruz. Dirão q̃ aquella cruz igualmente era pera Manasses, & pera Efraim. Bem pudera respõder q̃ não. Porque como sobre a cabeça de Efraim se principiou a troca das mãos:

Qui extendens manum dexteram posuit super caput Ephraim: pera Efraim teve primeiro forma de cruz.

255 Porém aceito a instancia. Pera ambos era aquella cruz: pera Efraim; porque ficava preferido: pera Manasses; porque ficava atrazado: tanto era cruz pera Manasses o ficar a traz de Efraim, como pera Efraim o ficar diante de Manasses. Efraim ficado diante tinha a sua cruz na sua preferencia: Manasses ficado atraz, tinha na sua enveja, & na sua desgraça a sua cruz. Toda a coroa se remata em hũa cruz, & a do ouro he mais pezada por mais valiosa. Aventejavase Christo no mûdo a todos, resplandecia cõ tantos milagres: *Multa signat fecit*: avultava muyto nos creditos: *Omnes credent in eum*: & destas premissas se tirou naquelle cõselho por conclusãõ a morte de hũa cruz: *Ab illo ergõ die, &c.* porque era cõselho sem cõselho, aonde faltou a primeira parte essencial, que he o animo bem intencionado, & em lugar deste predominou o monstro, não só do odio, mas da enveja.

256 *Ab illo ergò die cogitaverunt.* Esta palavra: *Cogitaverunt*: nos ha de dar materia ao segundo discurso. Cuidarão os conselheiros por conclusã, ou consultaram: *Consuluerunt*: lê a versãõ grega contra esta segũa clausula da cõclusãõ proponho a segunda razão de duvidar. Esta conclusãõ não he legitima em quanto conclusãõ juridica de conselho, nem em quanto conclusãõ logica. Não he legitima em quanto conclusãõ de conselho; porque a cõclusãõ foy o cuidar: *Ab illo ergò die cogitaverunt*: o cuidar havia de ser o antecedente, & a cõclusãõ o decidir: cuidarão ao resolver, sêdo q̃ãtes de resolver haviam de cuidar.

257 Os antigos pera retratarem hum prudente juiz, ou conselheiro, pintavão huma donzella com esta letra: *Cognosce, elige, matura.* Na donzella querião mostrar que havia de ser incorrupto: no moete, que primeiro havia de conhecer: *Cognosce*: despois resolver: *Elige*: & despois executar promptamente: *Matura.* A primeira acção do bom julgador, he abrir os livros, pera ver como ha de julgar:

Juditium sedit, & *libri aperti sunt*: sentouse o juiz, & logo se abrirão os livros pera se examinarem as causas. Mas não ha de ser na fôrma, em q̃ os Egipcios pintavão ao julgador rodeado de livros, & fechados os olhos. Que importa ter os livros abertos, & os olhos fechados? Que importa ter a livraria cheia de tomos, & os tomos cheos de pó sem se abrirem nunca? Haõse de abrir os livros, & haõse de abrir os olhos.

258 E sendo em todo o bom juizo, ou conselho primeiro o conhecer, que o determinar no conselho de hoje se preverteo esta ordem; porque parece, foy primeiro o determinar que o conhecer. Vejão o texto: *Quid facimus?* Por aqui começou o cõselho. Não diziaõ: que havemos de fazer? Mas que fazemos? Estes termos denotão execuçãõ: começou o cõselho pelo executar: *Quid facimus?* E acabou pelo conhecer. *Cogitaverunt*: o q̃ havia de ser antecedente, foy cõclusãõ: & o q̃ havia de ser cõclusãõ, foy antecedente.

259 Não he tambem legitima esta conclusãõ em quanto conclusãõ logica. A conclusãõ

clufaõ logica ha de fuppor juizo antecedente; porque he hum juizo, que se infere de outro juizo. E ainda que eſta concluſaõ contenha em ſy juizo: *Ab illo ergò die cogitaverunt*: não vejo em todo o texto outro juizo, donde ſe infira; porque tudo nos antecedentes foy ignorancia, & cegueira. Foy ignorante Cayfãz; porque ignorou o que dizia, & diſſe o que ignorava: forãõ ignorantes os conſelheiros, como diſſe o meſmo Cayfãz: *Vos neſcitis quidquam, nec cogitatis*.

260 E que mayor ignorancia que avaliarem os milagres de Chriſto por delitos? *Multa ſigna facit*. Que mayor ignorancia que temerem o poder dos Romanos, ſe creſſem em Chriſto, & o acclamaſſem por Rey, & por Meſſias? Quem ſarava enfermos, quem dava viſta a cegos, quem reſuscitava mortos, quem lançava de hum corpo huma legião de demônios, não poderia defendelos da tyraannia dos Romanos? Que ignorancias mais crasſas, que eſtas? Logo aquella concluſaõ não he legitima

em quanto logica; porque não ſuppoem juizo antecedente: nem he legitima em quanto concluſaõ juridica, & de conſelho; porque nella ſenão infere o reſolver, ſenão o cuidar, ſendo que ſe havia de preſuppor o cuidar, & inferir o reſolver. *Ab illo ergò die cogitaverunt*.

261 A eſta ſegunda razão de duvidar reſpondo com a ſegunda razão de decidir. Aſſim havia de ſer, pois era concluſaõ de hum conſelho ſem conſelho, aonde faltou a ſegunda parte eſſencial, que he a luz do conhecimento, & o dictame da prudencia: *Prudentiũ deliberatione valata*: em lugar da prudencia entreveyo a ignorancia. He o conſelho morada da ſabedoria: *Ego ſapientia habito in conſilio*: & como neſta junta faltou a ſabedoria, por iſſo foy junta ſem conſelho. Deſgraçada republica aonde o juiz, ou conſelheiro ignora o que julga: *Inſelix negotiorum conditio, quãdò ille, qui ſententiam dicit, ignorat, quod elegit*: diſſe Caſſiodoro.

262 Por isso antigamente os Reys, & os Principes tinham tanto cuidado de eleger pera conselheiros os mais prudentes, & sabios. Assim o vemos nas letras Divinas, & humanas. Nas Divinas vemos que Faraò teve por conselheiro a Joseph: David a Joab: Assuero a Aman, & a Mardocheo: Dario a Daniel: Artaxerxes a Esdras, & Neemias. Nas letras humanas Alexandre teve por conselheiro a Parmeniam: Augusto Cezar a Athenodoro: Tiberio a Serano: Valentiniano a Salustio: Nero, em quanto foy bom Principe, a Seneca. Todos estes erã homens aballifados ou nas letras, ou na prudencia.

263 Celebrado foy entre os antigos o Caduceo de Mercurio, que era huma vara direita, com duas serpentes embaraçadas, que a rodeavão. Esta vara era figura do sceptro do Rey, ou da vara do Ministro, como notou Paulo Jovio, porque era direita: as serpentes symbolizão a prudencia: *Estote prudentes sicut serpentes*: & assim o sceptro do

Principe, como a vara do ministro ha de andar unida, & abraçada cõ a prudencia. Tinha esta vara virtude pera infundir sono, como se vio quando fez adormecer o vigilante Argos. Tanto que aos Reys, & aos ministros assistem os dictames da prudencia no governo, bem pòde descansar, & dormir a republica.

264 Prudencia, & sabedoria faltaram na junta de hoje; & por isso foy conselho sem conselho, tribunal sem juizo; porque o juizo, & conselho (que tudo aqui he o mesmo) se constituem essencialmente pela luz da sabedoria, & da prudencia. Chamou S. Paulo ao tribunal, & juizo dos homens dia: *Mibi autem pro minimo est ut à vobis judicet, aut ab humano die*. No sentido da letra: (conforme o Alapide, & outros) *Ab humano die*: he o mesmo que: *Ab humano iudicio*. Pelo mesmo estillo fallou Jeremias, quando disse que não dezerã o dia do homem: *Diem hominis non desideravi*: que monta o mesmo que dizer: *Juditi-*

um humanum non quasi
vi.

265 E que achãrão São Paulo, & Jeremias no tribunal, ou juizo dos homens pera lhe chamarem dia? Será porque assim como no dia são iguaes as horas, assim o juizo dos homens deve ser igual nos despachos? Ou porque o julgador ha de ser igual em todas as horas: & nam ha de ter no julgar horas, huma boa, outra má? Sim. Mas esta igualdade tem tambem a noyte: logo bem se podia comparar com a noyte o juizo dos homens? Puderá responder que não. Porque ainda que as horas da noyte sejam iguaes, são destinadas pera o descanso, & as do dia pera o trabalho: & no julgador todas as horas haõ de ser de trabalho, & nenhuma de descanso. Ha de ser o julgador como o relógio: em o relógio cessar o curso, he desconcerto: parar o julgador nos despachos he desordem.

266 Ora digo que se compara o tribunal, & juizo dos homens ao dia; porque o dia constituesse pera luz do

Sol: *Luminare maius ut præffet diei*: sem luz do Sol, que presida, não ha dia. Assim tambem o juizo dos homens constituesse pela luz da sabedoria, & da prudencia: sem luz da prudencia, & sabedoria, que dirija, não ha juizo. Sem luz do Sol não ha dia, porque tudo são trevas: sem luz da prudencia não ha juizo; porque tudo são tropeços. E se a luz da prudencia, & sabedoria he parte constitutiva do juizo, bem se segue que a junta de hoje foy conselho sem conselho, tribunal sem juizo; pois faltou nelle a luz da sabedoria, & prudencia: *Nescitis.*

267 Pera o conselho ser conselho, pera o tribunal ser juizo, ha se de examinar muyto a causa, que se julga: ha se de penetrar bem a materia, em que se vota: *Judicium sedit, & libri aperti sunt*: Sentouse o juizo, & abriram-se os livros pera se verem muyto de assento. E tanto que o conselheiro, ou julgador penetra bem as causas, & examina bem as materias, logo he no proceder inteiro, &

no julgar acertado. Vejamo-lo em hum grande exemplar não só de ministros, & julgadores, mas de príncipes, o Santo Job: *Iustitia indutus sum: & vesti me sicut vestimento, & diadema te iudicio meo. Oculus fui cæco, & pes claudus. Pater eram pauperum, &c.*

268 Vamos de vagar com estas palavras, que são todas dignas de ponderação: *Iustitia indutus sum: & vesti me sicut vestimento*: Vestiose Job de justiça; porque o ministro só da justiça ha de fazer gala: vistase só da justiça pera que de tudo o mais se dispa. Tambem diz que fez da justiça diadema: *Et diademate*: he a justiça coroa; porque não ha melhor coroa que fazer justiça. E se he coroa a justiça, Rey sem justiça, he como Rey sem coroa. *Oculus fui cæco*: foy Job olhos pera o cego. Bom juizo aonde se alumiam os cegos: & não como outros, em que se escuresem os luzidos: no juizo de Job os cegos tinham olhos: & hoje no tribunaes são muytos os que tem os olhos cegos.

26) *Pes claudus*: dava

Job pès, a quem os não tinha. Assim se havia de fazer em todo o tribunal, & juizo, dar pès, a quem não póde dar passos: & não cortar azas, aquê póde dar voos. *Pater eram pauperum*: Era Job pay dos pobres. Nos tribunaes do mundo haõse de emparar os pobres: & não se haõ de atropellar os humildes. E sabem porque em Job concorriaõ todas estas partes de hum grande ministro? Elle o diz no mesmo lugar: *Causam, quam nesciebam, diligentissimè investigabam*. Antes que Job julgasse, examinava com toda a diligencia a causa, que não sabia. E como Job antes de julgar ponderava com toda a exacção as causas: *Diligentissimè investigabam*: eis ahi porque julgava com tanto acerto, que podia ser exemplar de todos.

270 Geroglifico foy de hum bom conselheiro, ou julgador huma mão toda chea de olhos: não porque haja de trazer os olhos nas mãos: mas porque haõ de ter as suas mãos em sy muytos olhos. São os ministros os braços, & mãos, com

com que o principe obra: & haõ de ter muytos olhos nas mãos para verem, o q̄ obraõ, & o que despachão; porque do ver, ou não ver bem, procede o obrar bem, ou mal. Encontrafe David com Saul na cova, cortalhe hum pedaço da vestidura, concedelhe generosamente a vida: & voltando Saul os olhos, lhe falla David nesta forma reverente, & humilde: *Ecce hodie viderunt oculi tui, quod tradiderit te Dominus in manu mea in spelunca, & cogitavi ut occiderem te, sed pepercit tibi oculus meus.* Agora te mostrou a experiencia, oh Saul, que entregando-te Deos nas minhas mãos, & podendo tirarte a vida, te perdoaram os meus olhos: *Pepercit tibi oculus meus.*

271 Aqui está a minha duvida: perdoaraõte os meus olhos! O perdoar pôde ter dous sentidos: ou em quanto diz dimittir a offensa: ou em quanto diz, não executar a vingança. Em quanto significa dimittir a offensa, pertence ao tribunal da vontade; porq̄ a esta compete desistir dos aggravos. Em quanto significa

não executar a vingança, pertence à esfera das mãos: mas de nenhũa maneira aos olhos. Como logo rão diz David a Saul: a minha vontade, que devia estar estimulada, se mostrou pera ty propicia? Ou estas mãos, a quem tocava a vingança, satisfazêdofe com te cortarem a vestidura, não se alargáráo a te tirar a vida? Mas perdoaraõte os meus olhos? O officio dos olhos he sô ver, & não perdoar.

272 Oh que acertadamente fallou David! Naquella occasião entrou David em côselho consigo mesmo, se mataria a Saul: como diz o mesmo texto: *Cogitavi ut occiderem te.* Estava David com as mãos cortandolhe a vestidura, & começou a consultar: matarey, ou não matarey a Saul? Perhũa parte arreoava o aggravo: por outra parte os olhos da prudencia, & consideração. Dizia a vontade offendida: que tirasse a Saul a vida; porque este era o unico meyo pera livrar a sua: & quando a morte era em justa defensão, não era culpavel: que já não

havia que esperar de Saul; pois vio com seus olhos que quanto mais o tinha obrigado, tanto mais o experimentava inimigo: que a oportunidade que a fortuna lhe deparava naquella occasião, lhe podia negar em outra: que cõ a morte de Saul terião termo seus trabalhos, & principiarião as suas ditas, reynaria sem contradição.

273 Assim arreoava a võdade offendida. Por outra parte arreoava a prudencia, & dizia: que o matar a Saul era offender a justiça; porque sò Deos era o Senhor das vidas: nem era a morte de Saul o unico remedio pera sua defeza; porque podia elcapar da sua tyrannia no aspero das ferras, & no abrigo dos montes: & ainda que Saul era seu inimigo, com tudo era seu Rey: & que devia prevalecer antes o ser seu Rey pera o respeito, que o ser seu inimigo pera a vingança: *Di-xi enim: non extendam manum meam in Dominum meum:* que o não levasse o affecto de reynar, & viver socegado; porque melhor era ser vassalo perseguido, sendo innocente, que ser Rey pacifico, sendo homicida. Convencido destas ra-

zoës, cedeo David do seu agravo, & abraçou o Dictame da prudencia.

274 E como neste conselho, que David fez consigo mesmo, applicou os olhos da consideração pera ver, & se governou pela vista dos olhos, não attendendo aos estímulos da offensa, mas aos olhos da razão; eis ahi porque aos olhos attribuiu o perdoar a Saul: *Pepercit tibi oculus meus.* Em hum conselho o deliberar com acerto depêde de se ver a materia com attenção. He a consciencia, como diz Baldo, os olhos do coração: quem julga sem ver, obra sem consciencia. Assim o fizerão os conselheiros de hoje: como imprudentes nam virão primeiro o que julgaraõ: tirãrão por conclusam o cuidar, quando dantes se havia de suppor: *Ab illo ergò die, cogitaverunt.* E como faltou a prudencia, que he a següda parte essencial do conselho: *Prudentum deliberatione val-lata:* & em seu lugar predominou a ignorancia, foy conselho sem conselho.

275 *Ab illo ergò die.* Esta clausula nos darã materia ao ultimo discurso. Daquelle dia se decretou a morte de

Christo? *Ab illo ergò die.* Precepitado conselho, aonde sendo a materia de tanto pezo, em o mesmo dia, em que se fez a proposta, se tomou a resolução! Certos povos (como diz o Alapide) tinham por ley que no dia da consulta se não fizesse o decreto: tomavão hum dia pera conferir, outro para resolverem. E sendo isto importante em qualquer materia, na deste conselho cõ mais razão. Mas não està aqui a minha razão de duvidar. Toda a duvida està em que dos antecedentes se tire por conclusão a morte de Christo naquella dia: *Ab illo ergò die.*

276 Argumento assim. Ou esta conclusão se cõsidera como conclusão logica, ou como conclusão juridica de cõselho: de nenhum modo acho razão pera se inferir dos antecedentes, decretarse a morte de Christo naquella dia: *Ab illo ergò die.* Porque a conclusão do conselho segue-se postas as cousas: a conclusão logica segue-se necessariamente postas as premissas: pois se as causas, & as premissas desta conclusão já existião, & se verificavão antes daquel-

le dia, porque as causas, & premissas eram os milagres de Christo: *Multa signa facit:* & os applausos do povo: *Omnes credent in eum:* & muytos dias havião que Christo tinha estes applausos, & obra-va aquelles milagres (assim consta dos Evangelhos) como se tira por conclusão de-terminarse a morte de Christo desde aquelle dia, & não nos outros dias dantes?

277 A esta terceyra razão de duvidar respondo com a terceira razão de decidir. Algum motivo se considerou de novo neste dia, pera se tirar neste dia por conclusão a morte de Christo. E qual foy? O texto o declara. Foy huma razão politica, que se veyo a cifrar em duas cousas, a saber, em conveniencia, & respeito: respeito aos Romanos: *Venient Romani:* & a conveniencia de conservarem suas dignidades, & fazendas: *Tollent locum nostrum, &c. Expedit vobis.* E como neste dia se considerou de novo esta razão, por isso neste dia, junta com outras foy antecedente de que se inferio por consequencia a morte de Christo: *Ab illo ergò die.*

278 E daqui se colhe a terceira razão, porque foy este conselho sem conselho. Pois sendo a terceira parte essencial do côselho encaminhar-se ao bem commum: *Bonum commune respiciens*: este foy pelo contrario; porque só attendeo ao bem particular. Bem sey que morrer Christo pera resgatar o mundo era convenientissimo ao bem do genero humano: & ainda que este foy o sentido do Espirito Santo, nem Cayfáz, nem os conselheiros entendêraõ, ou decretáram a morte de Christo neste sentido, em ordem ao fim espiritual, mas em ordem ao temporal, por contempozarem com os Romanos, & pera que estes os não despojassẽ dos seus governos, & fazendas. E deste modo era a conclusãõ da morte impia, & contra o bem commum.

279 Que mayor dano pera o bem commum, que tirar a vida a hum homem, que era o remedio de todos, que farava enfermos, & resuscitava mortos? E como esta conclusãõ foy de hũa jũta, aonde os conselheiros

tratáraõ sò dos intereffes, & respeitos particulares, foy conclusãõ de hum conselho sem conselho: no mesmo ponto, em que se praticou a razão politica do respeito, & interesse, se decretou a Christo a morte: *Ab illo ergò die*. Vamos primeiro ao interesse. A conveniencia, ou interesse he, o que perverte os tribunaes do mundo.

280 Por isso alguns pintáraõ os côselheiros sem mãos, & com muytos olhos, com esta letra: *Auge oculos, tolle manus*: Tenha o conselheiro muytos olhos pera ver, & nem hũa sò mão para aceitar. O conselheiro, que respeita o seu particular interesse, não olha pera o que convem ao Reyno, & à republica: deve a republica, & o Rey acaurelarse destes côselheiros, como de inimigos. Notavel sentença diz Salamão no capitulo trinta & sete do Ecclesiastico: *A consiliario serva animam tuam*. Guarday a vossa alma, ou a vossa vida do conselheiro. Pergunto. Do conselheiro não se fia a consciencia, & o coração? Sim. Pois de quem se fiã os se-

segredos do coração, & as materias de consciencia: como senão ha de fiar a alma, & a vida.

281 Nas palavras antecedentes do mesmo capitulo temos a solução bem literal: *Est consiliarius in semetipso*. Razão he que dos conselheiros se fie a alma, & a vida, mas não daquelle, que está consigo, ou em sy: *Est in semetipso*. Pois se o conselheiro estiver fóra de sy, como poderá aconselhar com acerto? Olhem: aquelle estar cõfigo, ou em sy val o mesmo, que ser pera sy, ou pera a utilidade propria, & não pera o bem daquelle, a quem aconselha. Assim explica Lyra: *Est in semetipso: idest: intendens propriam utilitatem, & non illius, cui dat consilium*. E de conselheiro, que sô trata de sy, não ha que fiar a alma, nem a vida: *A consiliario serua animam tuam*: porque não repara em arriscar a vossa vida, & a vossa alma, sô por tratar de sy: *Est in semetipso*.

282 Duas significações tem este verbo, *Consulo*, donde se deriva o nome de conselheiro: hu-

ma mais uzada, he attentar: outra menos uzada, he aconselhar. E haõ de andar tão conformes nos conselheiros estas duas obrigações, que attentem por aquelle, ou pera aquelle, a quem aconselhão. Porém aconselhar a outrem, & attentar por sy, ou pera sy: o conselho a huma parte, & atenção a outra: aconselhar ao Rey, & por os olhos em sy: isso não he ser conselheiro, de quem se haja de fiar o coração, mas he ser inimigo, de quem se deve acautelar a alma, & vida: *A consiliario serua animam tuam*. Perigou mortalmente no dia de hoje a vida de Christo: *Ab illo ergò die*: porque só de sy tratáraõ estes conselheiros: *Venient Romani*. Mas poderme haõ dizer que tratavão do bem commum: porque temião a destruição da republica, & da gente: *Tolent locum nostrum, & gentem*.

283 Digo que não; porque, conforme Euthymio, isto foy pretexto: *Perditionem Romanorũ pro pretextu asu- mebãt*. O seu fim era q̃ os Romanos os não privassẽ do go-
ver-

governo, dignidades, & fazendas: com o pretexto de republicos tratavão sò dos seus interesses. Assim o entendeo Caytáz, quãdo lhes disse: *Expedi vobis ut unus moriatur homo.* Convemvós a vós: *Vobis:* não disse convem ao povo, & à republica. Assim o deram a entender os mesmos conselheiros: *Tollent locum nostrum, & gentem:* primeiro tratãrão dos seus lugares: *Locum nostrum,* hoc est, *dignitates nostras, & officia:* explição alguns: que tratassem da republica, & da gente: *Et gentem:* E ainda isto era por pretexto: *Propretextu assumebant:* aos lugares chamãrão seus: *Locum nostrum:* à gente não chamãrão sua: *Et gentem.*

284 Esta foy hũa parte daquella infernal politica. A outra foy o respeito: se bem eu entendo que respeito, & conveniencia vem a ser o mesmo. No mundo ninguem respeita a outrem se não em ordem a sy: tanto monta ser respectivo, como ser convenientemente, ou interessado. Os logicos nos predicamentos dizem que huma das especies da Relação se funda em con-

veniencia, & desconveniencia: *In unitate, & multitudine.* Isto ensina a logica: mas o contrario mostra a experiencia. O mesmo he relação, què respeito. E se na logica se achão huns respeitos, que se fundão em conveniencia, & outros que se fundão em desconveniencia: na politica não ha respeito fundado em desconveniencia, mas só em conveniencia: faltando a conveniencia, falta o respeito; porque o respeito he huma mera conveniencia.

285 Hiaõ entrando S. Pedro, & São Joã em o templo, quando hum pobre aleijado, que estava à porta chamada Especiosa, lhes pediu hũa esmola. Disse São Pedro ao aleijado, que lhes puzesse os olhos: *Respice in nos:* E q̃ inferio daqui o pobre? Que elles lhes queriaõ dar alguma cousa, & começou a olhar lhes pera as mãos: *At ille intendebat in eos, sperans se aliquid accepturum ab eis.* Em que fundou este pobre sua esperança? *Sperans se aliquid &c.* No que São Pedro lhe disse: *Respice in nos.* Discorreo assim. No mundo não ha respeitãr a outrem, nem por-

porlhe os olhos por seus olhos bellos sem algũa conveniencia: São Pedro, & S. Joã dizem que lhes ponha os olhos, & que os respeite: *Respice in nos*: pois algum favor posso esperar: deste respeito hey de tirar algum fruto: *Sperans se aliquid accepturum ab eis*: tanto que se considerou respectivo: *Respice*: logo se julgou interessado: *Sperans* Ninguem no mundo respeita a vossa pessoa sem sua conveniencia: o mesmo vem a ser conveniencia que respeito.

286 E sendo todo o respeito huma mera conveniencia, quero eu agora considerar esta conveniencia, & respeito dos conselheiros vestido com a capa do temor: *Venient Romani &c.* Decretarão a morte de Christo naquelle dia: *Ab illo ergo die*: por respeito, ou temor dos Romanos. Que mayor absurdo! O ministro, & conselheiro pera ser bom conselheiro, & bom ministro não ha de respeitar, nem ha de temer. Fallemos com mais distincçam. Ha de temer, & não ha de temer: ha de ter respeito, & não ha de ter respeito: ha de temer, & respei-

tar a Deos: não ha de respeitar, nem temer aos homens: pera com os homens ha de ser independente, & absoluto: pera cõ Deos dependente, & respectivo.

287 No psalmo oytenta & hum chama Deos aos ministros, & julgadores Deoses: *Ego dixi: Dii estis.* O mesmo titulo deu a Moysés, quando o constituiu governador do Egipto: *Constituite Deū Pharaonis.* Pergunto. Se os julgadores sam homens, como pòdem ser Deoses? Achava eu que melhor era ferẽ os ministros humanos, que ferem endeosados: como logo lhe chama Deoses o mesmo Deos? *Dii estis.* Direy o que me parece. Deos constitue se por hum ser absoluto, & independente, & nisto se distingue das creaturas, cujo ser he dependente. E quer Deos que os julgadores imitem do modo possível a sua natureza, q̃ sejão como Deoses absolutos, & independentes no obrar.

288 Porém tambem adverte que ha hum Deos superior a estes Deoses, que os ha de julgar: *Deus stetit in synagoga Deorum: in medio autem Deos dijudicat.* E assim enten-

tendaõ que haõ de ser como Deoses absolutos, & independentes a respeito dos homẽs: mas haõse de considerar subordinados, & dependentes a respeito de Deos; pois he Deos superior a todos os Deoses, que estã entre elles vendo como julgã: *In medio autem Deos dijudicat*: se julgarem bem, pera julgar com elles: se julgarem mal, pera os julgar a elles: *Deos dijudicat*. E aquelles que com pouco temor de Deos, & muyto respeito aos homens, julgarem como homens, tambem saibã que haõ de morrer como homens: *Vos autem sicut homines moriemini*.

289 Os Romanos (como refere Cicero) punhaõ o tribunal do juizo jũto dos templos pera que julgassem com os olhos em Deos, & vissem que tinhã a Deos presente, quando julgavã. E se este temor tinhaõ os gentios dos seus Deoses fingidos, quando julgavam: quanto mayor o devem ter os ministros catholicos do seu Deos verdadeyro! Haõ de temer, & não hã de temer: haõ de respeitar, & não hã de respeitar. Haõ

de respeitar, & temer a Deos: não hã de temer, nem respeitar aos homens. Os respetos dos homens saõ os que prevertem os tribunaes do mundo.

290 Assim succedeo no conselho de hoje, aonde em materia tão grave, como era tirar a Christo a vida, votãrã os conselheiros não com zelo do bem commum, mas movidos da conveniencia, ou respeito: *Venient Romani*. E como esta razão politica se lhe poz naquelle dia, eis ahi porque se seguiu daquelle dia a conclusã da morte: *Ab illo ergo die &c.* Porém foy conclusã de hũ conselho sem conselho, pois lhe faltou a terceira parte essencial de se dirigir ao bem commũ: *Bonũ commune respiciens*: porque sò attendeo ao particular.

291 Tenho mostrado nestes tres discursos o que tinha prometido: que foy esta conclusã de hum conselho sem conselho por tres razoes tiradas das tres clausulas do thema. Foy conclusã de conselho sem conselho, porque em lugar do animo bem intencionado predominou a payxã: em lugar da luz da
pru-

prudencia, a sombra da ignorancia: em lugar de se attender ao bem commum, sò se olhou pera o particular. Esta foy a conclusãõ do conselho: *Ab illo ergò die cogitauerunt ut interficerent eum.*

292 Mas oh errados conselheiros! Oh julgadores impios! (com os do Evangelho fallo) Lã virã dia, em que deste *ergò*, & desta conclusãõ se tire em outro bem differente juizo, outra conclusãõ, & outro *ergò*, que serã o *ergò* da condemnação eterna. Neste vosso juizo foy Christo o julgado, & vòs os julgadores: no outro juizo Christo serã o julgador, & vòs sereis os julgados: mas com hũa differença que vòs julgastes a Christo à morte temporal, elle vos condenarã à eterna. Vendo em Christo taõ prodigiosos sinaes, lhe chamaes homem: *Hic homo multa signa facit*: lã virã tempo, em que outros terriveis sinaes vo-lo darã a conhecer por Deos: *Erunt signa in sole, & luna.* Desconhecido à vista dos sinaes, q̃ obra em vosso remedio: entãõ o conhecereis por outros sinaes, q̃ hãõ de ser

pera vosso castigo.

293 Condenaes a Christo neste juizo por não perderes a Jerusaleem terrena: & no outro juizo perdereis a Jerusaleem Celeste. Neste vosso juizo direis ignorantes: *Quid facimus?* No outro juizo direis desesperados: *Quid fecimus?* Que fizemos? Que errados andamos em matar a hum Innocente, ao Author da vida! E direis tambem: *Quid faciemus?* Que haremos de fazer agora! Direis finalmente por conclusãõ: *Ergò erravimus à via veritatis, & iustitiæ lumen non luxit nobis: & Sol intelligentiæ non est ortus nobis.* Finalmente erramos, & sem fim padecemos: *Ergò erravimus.* Não atinamos com o caminho da verdade; porque vivemos em hũa continua cegueira: *A via veritatis.* Como nũca amanheceo a luz da justiça, & da razão pera os nossos olhos, viviremos em hũa eternidade de trevas: *Iustitiæ lumẽ nen luxit nobis, &c.* Oh quanto vay de hum juizo a outro juizo!

294 Não só a vòs (oh conselheiros) mas a todos, que com o vosso mau exemplo jul-

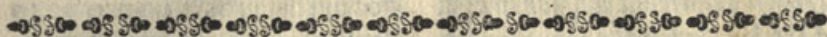
julgam injustamente em o mundo, dirá Deos com odio do juizo, o que là diz Salamaõ: *Cum essetis ministri regni illius, non recte iudicatis, nec custodistis legem justitiæ, neque secundum voluntatem Dei ambulastis. Horrendè, & citò apparebit vobis; quoniam iudicium durissimum his, qui præsumunt, fiet.* Oh confelheiros, & juizes! Porque sendo ministros do meu Reyno, & da minha Igreja, não votastes conforme os dictames da razão: não julgastes

conforme as leys da justiça: não vos conformastes com a minha vontade: experimentareis os effeitos de hum terribilissimo juizo: *Judicium durissimum his, qui præsumunt, fiet:* achareis a minha vontade averfa, a justiça rigorosa, & a razam ofendida. Fazey vós, meu Deos, que neste mundo vivão todos tão ajustados, que em lugar dos rigores da vossa justiça, experimentem os favores da vossa Misericordia, pera que alcancem nesta vida a graça, & na outra a gloria.





S E R M ã O
 D O
M A N D A T O
 P R E ' G A D O

NA CAPELLA REAL DA UNIVERSIDADE
 de Coimbra.



In finem dilexit eos. Joannis 13.

295


 E no mar profundo dos mysterios deste dia não pode tomar pè o juizo de São Pedro: *Tu nescis modo*: como poderá navegar o meu discurso? E cresce mais esta difficuldade na prezente acção; porque he força se accomode não sò com o dia, ou cõ o mysterio, mas tambem com o lugar, ou auditorio. E não he facil fazer eleição de hum

assumpto, que sendo pera o mysterio do dia proprio, seja tambem pera o auditorio academico. Soto mayor *in cantica* me acodio nesta difficuldade, abrindome caminho pera o assumpto com a intelligencia, que deu ás palavras do meu thema: *In finem dilexit eos*: Explica elle deste modo: *Vsque ad summum gradum, diligendo suis gradibus ascendit, ac demum ad metam charitatis pervenit.*

Quiz

296 Quiz o Douto explicar o Amor de Christo nesta hora; & disse que nesta hora se graduára Christo no Amor: *Usque ad summum gradum diligendo, &c.* & subindo por seus graos chegára ao grao ultimo, & ao mayor auge: *Suis gradibus ascendit.* Porque então se gradua hum sogeyto, quando despois de fazer muytos actos em algũa academia, chega finalmente ao ultimo grao naquella faculdade, em que se gradua: *Doctor denotat eum, qui per varios conditionis gradus summum in aliqua facultate apicem in academia consecutus est.* Diz Beyerlinch.

297 Em todas as facultades se graduou Christo neste dia, ou nesta hora; porque em todas se mostrou summamente sabio: *Sciens Jesus.* Graduouse na Theologia: *Sciens quia à Deo exiuit:* contemplando a origem Divina, que em quanto Deos tinha do Padre Eterno: Graduouse em hum, & outro direito; porque como Emperador supremo, & Summo Pontifice da ley nova, instituiu hũa nova ley do amor, em que se incluem todas as

mais: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem:* que elle primeiro observou: *Sicut dilexit vos.* Tambem nos deu hoje grande lição de Clementinas nas mayores demonstrações de sua Clemência: & Decretaes; porque nesta hora deu inteira satisfação ao decreto da redempção do mundo.

298 Graduouse na Medicina; pois como Medico Divino applicou o remedio mais efficaç à enfermidade do governo humano. Na Mathematica; porque hoje fabricou de seu amor hum relogio do peito aonde com o pezo da inclinação movendose as rodas com a mayor pressa, se apontou a ultima hora da vida: *Quia venit hora ejus.* Graduouse Mestre em Artes, ou Filosofia; porque sendo primeiro sciente que amante: *Sciens dilexit:* ensinou que aos affectos da vôtade havião de preceder os actos do entêdimento. Na Musica; porque cantou como Cisne estando proximo à morte: *Hymno dicto:* lè o Alapide: *Decantato:* subindo ao mais alto ponto. E como graduado em todas as facultades, o vio o

Evan-

Evangelista na representação deste dia com muytas coroas: *In capite ejus diademata multa.*

299 Porém o grao, que hoje nos serve, he, o que tomou na faculdade do Amor. Como quer que na Universidade do mundo, aonde cursou trinta & tres annos, fizesse os actos mais heroicos na materia de *Charitate*: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo*: nesta hora se graduou ultimamente, & subio ao mayor auge o seu Amor: *In finem dilexit eos*: *Usque ad summum gradū, diligendo, suis gradibus ascendit, ac demum ad metam charitatis pervenit.* E foy grao de Magisterio; pois só nesta occasião affirmou Christo de sy que verdadeiramente era Mestre: *Vos vocatis me magister: & benè dicitis: sum etenim.* Graduou-se Mestre nas finezas do amor.

300 Concorrêraõ neste grao todas as ceremonias, & solemnidades, que requiere o estatuto academico. Principiou a matricula no oitavo dia da Circuncisaõ; porque neste dia se escreveu o seu nome em hum livro, como

diz o Alapide: *Christus descriptus fuit octavo die.* E fazendo maravilhosos actos em toda a sua vida; tanto que de idade de doze annos ostentou com admiracão entre os Dourores: *Stupebant autem omnes, qui eum videbant super prudentia, & responsis ejus. Et videntes admirati sunt*: despois de provados trinta annos principiou a fazer os actos mayores: *Ipse Jesus erat incipiens quasi annorum triginta.* Foy festivo o dia; pois foy de Paschoa: *Ante diem festum Paschæ*: & como foy Magisterio, teve tambem vespora; porq̃ principiou pela vespora dos quatorze dias de Maio: *Vesperæ autem factæ discumbebat cum duodecim Discipulis.*

301 Precedeo a esta accão hum solemne acompanhamento pelas ruas de Jerusalem, aonde o festejaram com ramos, & com palmas, & o recebêraõ com vivas, & com applausos: *Hosannà filio David.* Foy acompanhado com os do seu Collegio, os quaes todos tinha creado Doutores do mundo: *Vos estis lux mundi.*

O lugar destinado pera o grao foy o Cenaculo, huma vistosa sala: *Cenaculum magnam stratum*: adereçada com ricos tapetes, ornada com ramos, & flores, como diz o Alapide. Foy esta sala propriamente sala academica do Amor, & conveniente pera este grao; porque nella se ouviraõ as mayores ternuras, & se obraõ as mais crecidas finezas. Nesta inflamou o Espirito Santo aos Apostolos, & os graduou na mesma facultade do amor, servindo as linguas abrazadas de diademas a suas cabeças.

302 Assistirão neste grao Cancellario, Reytor, & Padreinho, ou Presidente: & foraõ as tres Divinas Pessoas. Assistio como Cancellario o Padre Eterno, que he a primeira Pessoa, quem, como he costume, pediu Christo de joelhos o graduasse: *Clarifica me tu Pater apud te metipsum*: Deulhe o Pay o grao: *Clarificavi, & iterum clarificabo*: já dantes o tinha graduado: *Clarificavi*: & agora lhe deu o ultimo grao: *Iterum clarificabo*: como disse o mesmo Christo: *Nunc clarificatus est filius*

hominis. A questaõ propoosta pelo Cancellario seria esta: Qual era mayor gloria naquella hora? Se a do Filho, sendo glorificado pelo Pay: Se a do Pay sendo glorificado pelo Filho? *Pater, venit hora, clarifica filium tuum, ut Filius tuus clarificet te*.

303 E já naquelle trono, que vio São João no Apocalypse, aonde estava o Padre Eterno assistido de muytos graduados: *In capitibus eorum coronæ aureæ*: fez o officio de Cancellario tendo na mão o livro, cuja materia toda era das finezas do Amor Divino: *Vidi in dextera sedentis supra thronum librũ*: o qual deu ao Cordeiro Christo; pera que nos pontos de exame privado soltasse as mayores difficuldades representadas nos sete sellos. E sendo aquelle trono na intelligência de algũs symbolo da Cruz, estava o Padre Eterno fazendo o officio de Cancellario como prezidente da Santa Cruz.

304 Assistio como Reytor o Verbo Divino, que he a segunda Pessoa, Reytor da Universidade do mundo: *Rector potens, verax Deus*: E como teve esta dignidade não por con-

consulta, que se fizesse na terra, mas por eleição da Corte do Cêo, veyo como Reytor, & Reformador. E a elle competia reger a academia do Amor; porque como nesta se exercitão os actos da vontade, & o Verbo Divino he Entendimento: ao entendimento toca dirigir as acções da vontade. E o Divino Verbo especialmente governou as acções da humanidade de Christo.

305 Assistio como Padrinho, ou Prezidente, que deu as insignias o Amor, ou Espirito Divino; porque he o lente de prima na academia das finezas. E como a este Divino Espirito compete ser orador das excellencias de Christo: *Ille testimonium perhibebit de me: ille me clarificabit*: Antes de dar as insignias, faria hum elegante panegyrico de seus louvores. E tambem este Divino Espirito, como disse, graduou aos Apostolos em o Cenaculo, descendo sobre elles, como Mestre de prima, em linguas: como Mestre de prima de Amor em fogo.

306 O Padrinho, que acompanhou a Christo, foy o amor

humano: & como tem por morada o coração, hia da parte esquerda. Dous Amores tinha Christo, em quanto homem: hũ era o Amor de Deos: outro o Amor dos homens: & como estes dous actos forão sempre companheiros inseparaveis em Christo, graduouse no Amor dos homens: & fez o officio de Padrinho o Amor de Deos. Assistio como Secretario Joã, que por aguia, ou entendido, foy deposito dos mayores segredos: & por amado secretario dos amores mais finos. Como Mestres das ceremonias o mesmo Joã, & Pedro; porq̃ correo por sua conta accommodar os lugares da meza, & dispor todo o aparato necessario pera esta acção, naquella sala academica: *Ite in civitatem, ad quendam, & dicite, &c.*

307 Assistiram Hospedes nobilissimos, q̃ terã os Anjos: & como guardas, aquelles, que tem por officio serem Anjos da guarda. Só faltaram nesta acção Ministros com insignias de justiça; porq̃ toda foy de Misericordia: Heuve acto, a que o estatuto chama expectatorio: em que os Discipulos discutirão aquella

la queſtaõ da mayoria: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse mayor: que Christo resolveo, convertendoa em outra: Nam quis mayor est? Qui recumbit, an qui ministrat? Nonne qui recumbit?*

308 Os oradores neste acto, pudera eu dizer que foraõ o Silencio, & a Admiraçaõ; porque das maravilhas grandes estas saõ os panegyristas mais proprios. Mas crível he que fossem os Serafins que alli assistiram, (como se diz na cidade mystica de Deos) & sã estes Espiritos, como graduados na mesma faculdade, podiaõ encarecer bem as finezas do Amor de Christo. A materia da oraçaõ serião tres pontos: a sciencia infinita: *Sciens*: suas virtudes, & principalmente a da Charidade: *In finem dilexit*: sua origem illustriſſima: *Sciens quia á Deo exivit*.

309 Fez Christo protestaçaõ da Fè inviolavel, que havia de guardar a leus Discipulos: *Non relinquam vos orphanos, veniam ad vos*. Alli houve dar graças: *Gratias agens*: houve repartir pro-

pinas: *Accipite, & dividite inter vos*. E foraõ grandioſas as propinas; porque se achou nesta hora Senhor de grandes theſouros: *Quia omnia dedit ei Pater in manus*. Tambem se deputaram propinas pera a Arca, em que se symbolisa a Igreja: *Arca est Ecclesia*: diz Laureto, & destas foy Simaõ theſoureiro, como Prelado, que havia de ser de sua Igreja.

310 Tres costumam ser as insignias, com que o Prezidente condecora ao graduado, coroa, anel, & livro. Estes tres deu por commiſſam do Cancellario o Amor Divino a Christo, que hirãm por esta ordem. Deulhe o anel, a coroa, & o livro. Com estas tres insignias vio o Evangelista a Christo graduado em seu Apocalypse. Vio na representaçaõ de cordeyro com o livro em amão: *Accepit de dextera sedentis in throno librum*: & na figura do primeiro cavalleiro cõ a coroa em a cabeça: *Data est ei corona*: vio com o anel em a mão: *Habebat arcũ* porq̃ o arco pela figura circular tem fõrma de anel. Nestas tres insignias do grao se haõ

haõ de fundar os tres discursos do sermão. Em cada insignia descobriremos huma propriedade do Amor, em q̃ se graduou Christo nesta hora.

311. A primeira insignia, que deu o Amor Divino a Christo foy o anel: *Hunc enim Pater signavit Deus*: deulhe o anel signatorio, prêda dos desposorios, em final que nesta hora se desposava com estreitos laços com hũa alma, q̃ pela virtude volitiva he academia, aonde se fazem todos os actos amorosos. E como no anel, pela figura redonda, se representa a eternidade: *Annulus ob rotunditatem aternitatem designat*: diz Berchorio: o mesmo foy dar o Amor Divino esta insignia do anel a Christo, que mostrar se graduava nesta hora em hum Amor eterno: & que por meyo de hum Amor eterno se desposava com nossas almas.

312 Esta he a primeira propriedade do Amor de Christo nesta hora, conforme a primeira intelligencia do thema: *In finem dilexit*: hoc est: *sine fine*: explicam muytos. Não se graduão neste Amor

os amantes do mundo; por que o mais estremado amor do mundo tem a sua balisa em a morte. Porém o Amor em que Christo se graduou nesta hora, foy relogio, que nunca parou: fonte, que sempre correo: fibre sem intercadencias: musica sem pausas: foy como o rio Nilo, que entam enche, & fertiliza os campos, quando os outros rios secam em os seus limites: em fim foy hum Amor sem fim, & eterno: *sine fine*

313 Temos a prova no mesmo texto: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*. Sabendo o Senhor, que era já chegada, & estava presente a hora da morte: esta significação tem o Verbo: *Venit*: no rigor grammatico; porque está no presente. Pergunto. Se daquelle tempo da Cea até a hora da morte houve distancia de muytas horas: como afirma o Evangelista, fallando de Christo, que era já chegada a sua hora? *Quia venit*. Como podia ser presente aquella hora, que ainda havia de ser de futuro? Melhor, parece, dissera o Evangelista, sabendo

do o Senhor que havia de vir a sua hora: *Quia venit hora ejus*: mas que já estava presente? *Quia venit.*

Sim. 314 Fallou o Evangelista da presença em ordem ao relógio do Amor de Christo, que se governava pelo movimento do coração: & não da presença em ordem ao relógio do tempo, que se governa pelo curso do Sol. Não estava presente pelo relógio do tempo, mas estava presente pelo relógio do Amor de Christo; porque era hum Amor eterno. Ensiná a Escola de Santo Thomas, que à Eternidade de Deos tudo está realmente presente em todo o tempo, & que a respeito desta nem o preterito he passado, nem o futuro está por vir, tudo lhe corresponde como presente. E já aquella hora estava presente ao Amor de Christo; porque foy o Amor de Christo hum Amor eterno naquella hora: *si-ne fine*. He verdade que a respeito do relógio do tempo era futura; mas a respeito do relógio do Amor era chegada: & não regulou o Evangelista a presença daquella hora

pela correspondência do tempo, mas pela eternidade do Amor: *Quia venit hora ejus.*

315 Esta propriedade do Amor de Christo symbolisa bem o anel em tres circumstancias, que ha de ter pera ser insignia doutoral: na figura, que ha de ser redonda: na materia, que ha de ser de ouro: no dedo, a que se applica, que he o quarto. Na figura esferica, como não tem principio, nem fim, se representa a eternidade: tambem no ouro; porque he de sua natureza tão perduravel, que he quasi incorruptivel: pelo lugar, em que se poem; pois conforme a doutrina dos Egypcios, o quarto dedo, he dedo cor-deal; porque a elle se vem terminar hũa vea, que nasce do coração: & o coração não ha duvida, que tem sua imitação da eternidade; porque he o primeiro, que nasce, & o ultimo, que morre: & especialmente o coração de Christo, que parece viveo despois de Christo morto: *Exiuit sanguis*: pozse com o odio às lançadas pera se eternizar nas finezas. Eis aqui a eternidade do Amor a representada nas tres

tres circumstancias do anel.

316 Mas parece que se encontra o que digo com o assumpto do sermão. O assumpto he, que hoje se graduou Christo no Amor; pois chegou este á ultima baliza, & ao ultimo grao dos ardores: *Ad metam charitatis pervenit*: & como podia chegar ao ultimo grao, sendo Amor eterno? Se as finezas deste Amor por eterno não tiveram fim: *sine fine*: como digo eu, que se graduára Christo chegando o Amor ao fim de suas finezas? *Usque ad summum gradum, &c.* Respondo que foy tão ardiloso o Amor de Christo que soube chegar ao ultimo ponto de suas finezas: *Usque ad summum gradum, &c.* sem pôr limite a seus excessos: quando chegou ao ultimo termo, tornou a principiar de novo.

317 O amor do mundo tem o fim junto do principio; porque a penas principia, quando acaba: porém o Amor de Christo nesta horateve o principio junto do fim: quando, parece, que acabava, entam principiou de novo. Isto mesmo se ve no anel pela fi-

gura circular. Corramos os pontos do circulo, começando por hum: & acharemos q̄ o ultimo ponto está junto do primeiro, o principio junto do fim. E assim como no anel, ou circulo, por ser symbolo da eternidade, se acha o principio junto do fim: assim o Amor de Christo nesta hora, como foy eterno, teve em o fim outra vez o seu principio: quando se consumiu no ultimo grao, então principiou de novo.

318 Mysteriosa foy aquella sede, que teve Christo em a Cruz: *Sitio*: & ainda que no sentido literal os tormentos causarão aquella sede, no sentido mystico, aquella sede foy desejo de novos tormentos: *Sitio*: hoc est: *maiora tormenta desidero*: diz Bloffio. Pergunto. Se naquelle tempo tinha o odio judaico esgotados todos os martirios, como appetee o Amor de Christo novos tormentos? Que Christo tivesse aquella sede antes de padecer, isso peidia o seu Amor: porém que mais pôde desejar o seu Amor, despois de tanto padecer? Notem as palavras antecedentes do texto: *Sciens*

quia omnia consummata sunt: Sabendo Christo que estava consumado tudo em ordem a sua paixão, teve sede. O ter sede de novos tormentos, foy querer padecer de novo.

319 Bem, & pelas penas padecidas estava o Amor consumado: *Consummata sunt:* pois agora se ha de achar mais sequioso: quando pelo padecer estava graduado no Amor, então teve o amor desejo de mais padecer: *Sitio:* chegou ao ultimo grao de seus ardores, & então principiou com novas finezas; que como nesta hora era hum Amor eterno, no seu fim se havia de achar no principio. E assim diz Christo: agora, que estou graduado no Amor, quero novamente padecer: *Sitio:* invente o odio novos tormentos; pois então se gradua meu Amor, quando se eterniza: & pera que se eternize, he bem que principie de novo: *Sitio.* Foy hum circulo este Amor, teve o fim unido com o principio: este teve no fim; porque não pode subir mais na intensão: *Vsque ad summum gradum diligendo:* no principio; por-

que teve duração sem limite.

320 E se eu me não enganar, nas palavras do thema hey de descobrir este movimento circular do Amor de Christo: *In finem dilexit.* Explica meu grande Padre Santo Agostinho, & Beda: hoc est, *in Christum:* & vem a fazer este sentido: Que amara Christo aos homens pera sy, ou em ordem a sy. Aquelle Amor (digamolo assim) sahio de Christo pera os homens: *Dilexit eos:* & tornou dos homens pera Christo: *In finem:* hoc est: *in Christum:* fez hum circulo: Christo era o principio deste Amor, o homem era o fim: *Dilexit eos:* & quando parece que parava no fim, tornou outra vez ao principio: *In Christum:* andava aquelle Amor em hum perpetuo circulo; porque era hum Amor perpetuo.

321 E ao fogo de hum Amor tam constante, que se eternizou nos incendios, como haviaõ de extinguir no mar da payxaõ as mais empoladas ondas? *Aquæ multe non potuerunt extingu-*

tinguere charitatem. E assim, nem desmayou com a noticia dos tormentos, que havia de padecer: nem desfaleceo com a certeza de que todos lhe haviam de fozgir: nem diminuiu com a evidencia de que hum Discipulo o havia de entregar. Entre tantos combates nam só se conservou constante, mas ainda sobio mais de ponto; porque era hum Amor eterno: *sine fine.* O Amor, que he eterno, quando tem mayores contrarios, rompe em maravilhosos incendios.

322 Mandou Nehemias tirar das côcavidades de hum poço o fogo dos sacrificios, que os Sacerdotes da ley antiga tinhaõ escondido, havia muytos annos: & posto este fogo sobre o altar, diz a Sagrada Escritura, que foy tam grande a chama, & o incendio, que causou admiraçam a todos: *Accensus est ignis magnus, ita ut omnes mirarentur.* O meu reparo està, em que fallando o texto muytas vezes neste fogo celestial, nunca lhe chamou grande, nem admiravel, só nesta occasiam lhe

chamou fogo admiravel, & fogo grande: *Accensus est ignis magnus ita ut omnes mirarentur.* Dantes era só fogo: agora he fogo grande? Dantes he só fogo q̄ queima: agora he fogo, que admira?

323 Sim. Sabem porque? Porque era este fogo dos sacrificios hum fogo eterno: *Ignis est iste perpetuus.* E não vem que se occultou, & conservou muytos tempos entre a agoa do poço? *Invenierunt aquam crassam.* E como a agoa pelas suas qualidades he o mayor contrario do fogo, teve aquelle fogo eterno a mayor contrariedade; & por isso cresceo tanto nas chamas, que servio de admiraçã a todos: *Ita ut omnes mirarentur.* Aquelle fogo dos sacrificios, em q̄ se abrazavaõ as victimas, q̄ outra cousa symboliza mais o fogo do Amor, em que se abrazou Christo Victima hoje efferecida em satisfaçam de nossos peccados.

324 A agoa no sentido mystico, ou significa o odio no entender dos Egipcios, ou representa aos homẽs tibios, & frios: *Aqua sunt populi:* ou symbolisa os trabalhos, & persegui-

guiçoens, conforme o texto de Jeremias: *Inundaverunt aquae super caput meum*. E foy mayor o incendio do Amor de Christo, quando teve a mayor opposição no odio dos Judeus, na ingratição dos homens, na tempestade de penas. Hum Amor eterno entre os mayores combates não desfalece nas chamas, antes aviva com admiração os ardores. Estava Christo nesta hora tão absorto em suas finezas, que parece se esquecia de nossos agravos.

325 Contam alguns Autores, os quaes refere Victória, que querendo Moysés deixar a sua Esposa Ethiopissa, por arte de Astrologia forjára dous aneis uniformes, mas com tão contrarios effectos, que hum despertava a memoria, o outro cauzava esquecimento: o do esquecimento deu à Princesa: o outro reservou para sy. A virtude destes dous aneis parece se unirão com bem diferente mysterio no anel, que como insignia magistral deu hoje o Amor a Christo.

326 Foy anel de lembrança, & de esquecimento: de lembrança só das suas finezas,

& dos seus benefícios: de esquecimento dos nossos agravos: de tal sorte os distillou seu Amor que parece se esqueceo. Por ser anel pedia só ser memoria dos amados: porém o Amor o fez ser tambem esquecimento do muyto, que o tinham offendido. Forjou a industria de Moysés aquelles dous aneis pera deixar com menor desabrimento a sua Esposa. Forjou o Amor este anel, que deu a Christo, pera se desposar eternamente com nossas almas: aquelles aneis fabricou Moysés; porque estava no amor tibio: este anel deu o Divino Amor a Christo para o graduar em hum Amor eterno: *Usque ad summum gradum, &c.*

327 Oh graduados, & Mestres da Universidade do mundo, já vedes as obrigaçoens, com que ficaes do anel, que no grao recebeis. Por meyo delle vos desposaes não só cõ sabedoria creada, mas com a sabedoria Divina, q he Christo. Na figura redonda, que significa a eternidade, se vos encomenda, seja o vosso amor continuo, já que não pôde ser eterno. Na materia de ouro, que seja o vosso amor fino, & pu-

puro. No dedò, a que se applica, que seja vosso amor cor-deal. Ha de ser anel de lembrança, & de esquecimento: de lembrança de Deos, de esquecimento do mundo.

328 Nas pedras dos aneis se costumão trazer as imagès dos objectos, que mais se amão. Adverti que a pedra engastada neste anel he Christo: *Petra autem erat Christus*: & haveis de trazer esta pedra do anel não sò no dedò por insignia, mas impressa no coração por amor. Assim o pede este Divino Esposo a nossas almas: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum*. Porque trazer o anel no dedò, & no coração o mundo: Christo em as mãos, & o demonio no peito, he grande incoherencia. Como he anel signatorio, de forte se ha de imprimir em o vosso coração, que pera o mundo fique fechado, & para Christo aberto. E assim correspondereis de algum modo àquelle eterno Amor, em que se graduou Christo nesta hora, symbolizado na primeira insignia: *In finem dilexit: hoc est, sine fine. Usque ad summum gra-*

dum, &c.

329 A segunda insignia do grão, que o Amor Divino deu a Christo, foy a coroa, ou barrete; que nas academias, & Escrituras o mesmo he barrete que coroa. Aquellas coroas, de que falla Ezechiel no capitulo vinte & quatro: *Coronas habebitis in capitibus vestris*: Explica assim o Alapide: *Coronas vocat pileos rotundos*. E qual foy a coroa q̄ o Amor Divino deu hoje a Christo como insignia do seu grão? Digo que na admiravel acção de lavar os pès a seus Discipulos teve Christo a sua coroa: esta foy a coroa de suas finezas. Tem este meu dizer fundamento no texto. Porq̄ sendo todas as tres insignias representativas do grão: da coroa toma este a denominação principal; por isso communmente chamamos ao graduar, laurear. E sò, quando Christo lavou os pès a seus Discipulos, se considerou cõ a laurea magistral; porque sò entam se intitoulou Mestre graduado: *Si ergo ego lavi pedes vestros Dominus, & Magister*.

330 E nesta acção deu o Divino Amor a coroa a Christo,

to, mostrando com esta insignia que o graduava em hum amor mais humilde: que he a segunda propriedade do Amor desta hora, conforme a segunda exposição do thema, que he de São João Chrysoftomo: *In finem dilexit eos: hoc est, vehementer.* O Amor vehemente he, o que mais humilha ao amante. Assim no lo ensinou o Amor Divino, que vindo em linguas de fogo, cuja inclinação he subir, desceo sobre as cabeças dos Discipulos; porque era Amor vehemente: *Tanquam advenientis spiritus vehementis:* & este ao mais soberano abate. Quando Christo se poz aos pez dos Discipulos abatido, então ficou coroado.

331 Perguntou em hũa occasião a Esposa mais amante a seu querido Esposo, aonde costumava assistir na hora do meyo dia: *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* E qual seria a resposta do Esposo? Que naquella hora estaria à sombra de huma arvore copada? Ou na frescura de huma fonte christallina? Não, mas que seguisse os vestigios

do rebanho, & o a chãria aos pès das ovelhas; pois são as pégadas o lugar dos pès: *Abi post vestigia gregum:* Se o pastor he, o que governa o rebanho: como podem os humildes pès do rebanho ser decente lugar do pastor?

332 Direy. Este amante Esposo, & cuidadofo Pastor, he Christo: o rebanho, que elle primeiro apascentou, fôrão os Apostolos: *Ego sum Pastor bonus.* E como Christo não só he Pastor, mas tambem he Sol: *Orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitiæ:* quera saber a Esposa, que he huma alma, aonde costumava assistir este Sol no meyo dia: *In meridie:* O Sol, que he Rey dos astros, no oriente amanhece: no Occaso se sepulta: no meyo dia se coroa: *Sol in meridie coronatur:* diz Vbertino: no zenith de seus ardores tem a sua coroa este Monarcha das luzes.

333 Diz pois o Esposo Christo: se quereis, oh Esposa minha, saber donde estou, como Sol no meyo dia, no auge de meus ardores, com a coroa de minhas finezas: *In meridie:* buscaime aos pès de meus

meus Discipulos: *Abi post vestigia gregum*: pois quando eu, sendo Pastor, me postro a seus pés como servo, entam estou no mais alto do zenith coroadado: *Sol in meridie coronatur*: aos pés dos homens teve Christo a coroa de mais abrazado: *In meridie*: porque aos pés dos homens se graduou em o Amor mais humilde. Subio o Amor ao supremo grao dos incendios: *Vsque ad summum gradum*: porque desceo ao infimo grao do abatimento.

334 Oh Divino Sol! No meyo dia vos confidero pela vehemencia dos ardores: & tambem no Occaso; porque vos vejo inclinar tanto às agoas. Mas soube o vosso Amor nesta hora juntar o Occaso de vida com o zenith das finezas, abatendo o supremo ao infimo: os pés de vossos Discipulos foraõ hoje a vossa coroa. Algum tempo dezejey saber, que mysterio teria morrer Saõ Pedro em huma cruz com a cabeça pera baixo, & os pés pera cima: & agora o vim a alcançar.

335 É foy sem duvida que em Pedro como cabeça se representavão, & conti-

nhaõ os outros Apostolos, & os mais homens: & quiz Christo que na cruz puzesse Pedro os pés, aonde elle poz a cabeça, & aonde teve a coroa; pera que se entendesse que a coroa da cabeça de Christo, eraõ os pés dos homens. Coroa de Christo foraõ os pés de Pedro em o martyrio, & já o tinhaõ sido em o Cenaculo. E que huns pés taõ humildes sejam coroa de hum Senhor tão soberano! Grande triunfo de seu Amor! Falla o texto no Ecclesiastico de Christo na pessoa de Simão filho de Onias, que foy figura sua, & diz assim: *Circa illum corona fratrum: & quasi plantatio cedri in monte Libano, sic circa illum steterunt, quasi rami palmae.*

336 Nestas palavras parece que contemplou o Espirito Santo a Christo humilhado aos pés dos Apostolos, & diz que estes lhe serviraõ de coroa: *Circa illum corona fratrum*: E pera explicar, que coroa foy esta, accrescêra: *Quasi plantatio cedri in monte Libano*: como as plátas dos cedros do Libano. Saõ os Apostolos na Igreja, o q̃ os cedros no Libano: & comparou esta coroa, que

que Christo recebeu dos Discipulos, às plantas dos cedros do Monte Libano; pera mostrar que as plantas dos Apostolos forão a coroa de Christo. E pera que se visse que este modo de se coroar fora grande triunfo de seu Amor: comparou tambem a coroa das plantas aos ramos da palma: *Et quasi rami palmæ*: porque são palmas, com q̄ triunfa as plantas dos pès, com que se coroa.

337 He costume nas academias levantar-se o graduado de hũa meza, em que está sentado: & ornado com o seu capelo vir receber de joelhos a coroa, ou barrete das mãos do Prezidête. Levantou-se Christo da meza: *Surgit à cæna*: cingido com hũa toalha: *Præcinxit se*: & veyo pôr-se aos pès dos Discipulos, pera nelles receber a coroa por mãos do Amor Divino, que então, como em outro tempo, estava prezidente nas agoas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*. Porém se o graduado despois de receber a coroa, vay buscar os braços dos com panheiros guiado pelo Prezidente. Christo foy buscar com os seus braços nos pès dos

Discipulos a sua coroa, indo diante como guia o Amor: *Ignis ante ipsum præcedet*.

338 Quando, meu Deos, vos contemplo nesta açã, não lò me pareceis graduado no Amor, mas do Amor hum retrato. Pintase o Amor despido: despido vos vejo de vossas vestiduras: *Ponit vestimenta sua*. São as armas do Amor hum arco: tambem vos vejo com arco: porèm se o Amor sustenta o arco nos braços, vòs fizestes de vossos braços hum arco, como em vosso nome disse David figura vossa: *Posuisti ut arcum æreum brachia mea*. Puzestes os meus braços, oh Divino Amor, em forma de arco, ou arqueados: & diz que foy o arco de bronze: *Vt arcum æreum*: & com razão; pois nam puderaõ quebrar este arco as resistencias de Pedro, nem a dureza de Judas. E que a hum arco de bronze se não rendesse hum coração de ferro? Dos seus braços fez nesta hora arco, & a corda que enlaçou as pontas, foy o Amor vinculo das almas.

339 Não diz Christo fizestes os meus braços arco: mas puzestes: *Posuisti*: porq̄

como o arco são as armas do Amor, estas foy pôr, & render aos pés dos Discipulos. E por isso fazendo menção do arco, não falla em settas; porque não uzou deste arco pera fazer tiros, senão pera tributar rendimentos. Sempre foraõ os braços do nosso Deos accomodados pera arco; porque sempre se dobrarão pera a piedade. Aquelle primeiro cavalleiro do Apocalypse figura de Christo, quando sahio a campo, primeiro se armou com hum arco: *Habebat arcum*: despois recebeu a coroa: *Data est ei corona*.

340 E pois tendes já meu Deos os braços em forma de arco: *Habebat arcum*: vinde aos pés dos Discipulos receber a coroa: *Data est ei corona*: lançay agoa nessa bacia: *Mittit aquam in pelvim*. O mar de finezas reduzio hoje o Amor de Christo a hũa bacia de agoa: sem duvida que neste golfo quiz tomar o Amor hum banho pera refrigerar os incendios. E por ser grande a profundidade de mysterios, poz da parte os vestidos, pera o vencer a nado: *Ponit vestimenta sua*. Theofilato, & Euthymio são de parecer que

o primeiro Discipulo, aqueu lavou Christo os pés, fora Judas: & assim havia de ser; pois se graduava no Amor. Começou a lavar os pés a este ingrato Discipulo tanto com as agoas da bacia, como com as lagrimas dos olhos, chegando a seu peito, & dando-lhe osculos: & entre diluvios de suspiros pondo nelle brandamente os olhos, lhe diria estas palavras.

341 Nestas agoas como em *chrysellinos espelhos verás, oh Judas, a vehemencia de meu Amor, & força da tua ingratidão; se he que ellas se se não turbam com as correntes das lagrimas, em que derretido o coração, se destilla pelas fontes de meus olhos. Nelas estás pizando com os pés a minha figura: mas não he muyto que desprezes o retrato, se tanto desestimas o original. Brevemente has de pôr a tua boca na minha face como amigo fingido: & eu ponho a minha boca a teus pés como verdadeyro amigo. Olha quanto vay da tua boca à minha: dos teus pés á minha face. Como queres vender-me o sangue por preço, se no Sacramento to hey de dar logo de*
gra-

graças? E se te leva a cobiça dos dinheyros, aqui tens em minhas mãos todos os thesouros. Oh nam desprezes thesouros tam preciosos por dinheyros tam limitados. E se com a minha vida se compra a tua alma, não me negues a alma, & eu darey por ty a vida. Avarento te vejo, & prodigo: avarento em a cobiça dos dinheyros: prodigo em dar por tam limitado preço, o que não tem preço por infinito. Mas ay de ty! Que como prodigo ficarás com as entranhas partidas: como avarento com o cordel apertado: aty te arreventará o peito com odio, & amin se me abrirá com amor o lado.

342 E que não baste isto pera ceder Judas da sua dureza! Oh Judas que coração he effete teu! Se he de diamante, aquem não aqueenta o fogo, como senão abranda com o sangue do Cordeiro vertido em tantas lagrimas, que são sangue da alma! Se he de ferro, como o não attrahe a pedra de cevar Christo, que tens a teus pès! Se he de neve, como o não derretem os rayos deste Sol, a actividade de tanto fogo! Se he de pedra, co-

mo o não molificaõ tantas lagrimas! Mas bem sey que he de barro vil: & mais se endurece o barro com os rayos do Sol, mais se constipa com o calor do fogo.

343 Contemplãdo a Christo aos pès de Judas, me lembrou aquella pedra, que là cahio aos pès da Estatua: humilhouse aos pès da Estatua, & logo ficou có a coroa da mayor grandeza, ficou coroada sobre os montes: *Factus est mons magnus*. Figura de Christo era aquella pedra, como diz a Glosa: bem se retrata Judas na Estatua; porque se a Estatua se compunha de todos os metaes ligados, em Judas se achou a dureza dos metaes com muyta liga: Estatua immovel, Estatua morta, & sem alma. Porém com esta differença. No encontro da pedra com a Estatua triunfou a efficacia do poder de Christo: no encontro da Pedra Christo com Judas triunfou, & corrouse nas finezas seu Amor.

344 Ora combinemos triumpho com triumpho, pedra com pedra, Estatua com Estatua. No triumpho do poder, triumphou a pedra da Estatua: *Percussit*

cussit Statuam. No triunfo do Amor, não triunfou Christo de Judas, triunfou o Amor do mesmo Christo, como diz São Bernardo: *Triumphat de Deo Amor.* No triunfo do poder, com o primeiro toque da pedra se desfez a Estatua, abrandouse o bronze, & o ferro: *Redacta quasi in favillam.* No triunfo do Amor, Judas mais duro que bronze, mais obstinado q̃ ferro, senão reduzio a tantos toques. No triunfo do poder, bastou tocar a pedra nos pès da Estatua para lhe render tambem o peito; no triunfo do Amor, não quiz Judas render o peito, tendo a Pedra Christo a seus pès.

345 No triunfo do poder, com o encontro da pedra desapareceu na Estatua o ouro da cabeça, & a prata do peito: *Redacta quasi in favillam.* No triunfo do Amor, com o encontro da Pedra Christo, não se tirou a Judas o ouro da memoria, nem a prata do coração. No triunfo do poder, cresceu a pedra, & diminuiu a Estatua: no triunfo do Amor, Christo diminuiu, & Judas cresceu: diminuiu Christo na

grandeza: cresceu Judas na obstinação. No triunfo do poder, a pedra desfez a Estatua com o rigor dos golpes: *Perussit Statuam.* No triunfo do Amor, não pode Christo render a Judas com a brandura dos osculos, com a ternura das lagrimas: o que lá fez aquella pedra sem mãos: *Sine manibus*: não pudéram fazer aqui as mãos desta mystica Pedra.

346 No triunfo do poder, mudou-se a pedra, & mudou-se a Estatua: mudou-se a pedra; porque ficou môte: *Factus est mons magnus*: mudou-se a Estatua; porque ficou nada: *Redacta quasi in favillam.* No triunfo do Amor, nem se mudou o Estatua, nem se mudou a pedra; porq̃ Judas persistio obstinado em sua cegueyra, Christo permaneceu constante em seu Amor. Aos pès da Estatua grãgeou a pedra a coroa de seu poder: *Factus est mons magnus*: Aos pès de Judas recebeu Christo a coroa de seu Amor: *In finem dilexist*: Mas oh Judas! Verás que se os despojos daquelle triunfo foraõ as cinzas, em que a Estatua se viu reduzida: os despojos deste triunfo

serão as chamas, em que te veras abrazado.

347 Depois de Judas veyo Christo a Pedro: *Venit ergo ad Simonem Petrum.* E primeiro lhe chama o texto Simão que Pedro; que como Pedro he nome de Prelado: *Tu es Petrus, & super hanc petram, &c.* & Simão significa obediente: *Simon*, hoc est, *obediens*: primeiro foy Simão que Pedro: primeiro foy obediente, & ajustado cõ os preceitos de Deos, que Deos o fizesse prelado de sua Igreja. Porque só quem sabe bem obedecer he digno de mandar. Chegou Christo a Pedro: & primeiro Pedro estendeo as mãos pera o deter, q̄ lhe offerecesse os pés pera os lavar.

348 *Tu mihi lavas pedes!* Diria Pedro com muytas lagrimas: vós Senhor lavar-me amim os pés! Vede quem: *Tu*: & a quem: *Mihi*: & o que fazeis *Lavas pedes*. Vós, que sois Deos, amim, que sou homem! *Tu mihi!* Vós Creador, amim creatura! *Tu mihi!* Vós Santo, amim peccador! *Tu mihi!* Vós Mestre, amim Discipulo! *Tu mihi!* Em hũa occasião, pera vos eu

seguir por cima das agoas efperey que vós me mādasseis: *Tube me ad te venire*: Por mais fundas tenho as desta bacia, q̄ as daquelle lago: mais são pera temer aqui os vossos braços, que lá os braços do mar.

349 Oh Pedro (replica Christo) não diz bem o vosso nome de obediente com a vossa resistencia. Como a minha coroa consiste em vos lavar tambem os pés: se os não lavar, nem ficará neste grao perfeita a minha coroa, nem vós ficareis com a propina, q̄ vos cabe: *Non habebit partem mecum*. Dayme cá esses pés; porque ainda que nelles só vos purifico de venialidades: em vós que sois Prelado, os defeitos leves são culpas graves. Senhor (diz Pedro) se em me lavardes os pés, consiste tambem a vossa coroa, se eu hey de ficar sem propina: não só quero que me laveis os pés, senão tambem as mãos, & a cabeça: *Non tantum pedes meos, sed & manus, & caput*.

350 Como se profeticamente dissera Pedro: lavay-me estes pes, que vos haõ de

de fugir: estas mãos, que haõ de cortar a orelha a Malco: esta cabeça, zonde está a boca, que vos ha de negar. Oh Pedro (torna a dizer Christo) não necessitades de que vos lave as mãos; porque sois limpo de mãos; & justificado nas obras: nem a cabeça; porque sois puro nos pensamentos: *Vos mundiestis*: nem he razaõ que a hum prelado se lave em publico a cabeça. E quando assim fosse, digo com licença de Pedro, que não havia de ser por aquelle modo.

351 Dizia Pedro q̄ Christo principiasse pelos pés, & acabasse pela cabeça: *Non tantum pedes, sed & manus, & caput*. E isto he contra a boa ordem da purificação, & reforma; porque esta não ha de começar pelos pés, & acabar pela cabeça: ha de começar pela cabeça, & acabar pelos pés. Por isso o Espírito Santo, quando veyo em linguas de fogo reformar o mundo, fez primeiro assento nas cabeças dos Discipulos; porque pelas cabeças quiz principiar a reforma. A todos os mais Apostolos la-

vou Christo os pés: & se aperfeigoou a sua coroa, insignia, com que nesta hora se graduou em hũ Amor mais humilde.

352 Oh graduados, Meſtres, & Prelados do mundo: segui o exemplo de Christo; pois se graduou hoje pera vos dar exemplo: *Exemplum enim dedi vobis*: seja a vossa coroa semelhante à coroa de Christo: não seja coroa de soberbia, & presunção; porque esta he mais para lastimada, que pera apeteçida, como disse Isaias: *Vae corona superbiae flori decidenti*. Ay dos que fazem coroa da soberbia, & presunção! Que he flor caduca: *Flori decidenti*: he flor sem fruto: *Flori*: seja a coroa com que vos graduaes, coroa de humildade; porque nesta não se achão flores caducas, mas frutos eternos. Imitay a Christo servindo, & lavando os pés aos pobres, & humildes: *Ut quem admodum ego teci vobis, ita & vos faciatis*. Pera o exercicio da humildade, não estão primeiro os Meſtres que os Prelados, nem os Prelados que os Meſtres: em huns, & outros concorre igual obrigação.

353 Assim o ensinou hoje Christo, quando lavou os pés aos Apostolos: intitulou-se Mestre, & Prelado duas vezes: de hũa, primeiro se intitulou Mestre, que Prelado: *Vos vocatis me: Magister, & Domine*: da outra, primeiro se nomeou Prelado que Mestre: *Si ergò ego lavi pedes vestros Dominus, & Magister*: pera dar a entender que o ministerio das acçoës humildes tocava igualmente a huns & a outros. E os que assim o observãreis não só tereis de Prelados, & Mestres o nome: *Vos vocatis me: Magister, & Domine*: mas tambem a realidade: *Sum etenim*. E deste modo imitareis na insignia da vossa coroa a coroa, com que Christo se graduou hoje em hum Amor mais humilde: *In finem dilexit eos, hoc est, vehementer: Usque ad summum gradum diligendo suis gradibus ascendit.*

354 A terceira insignia deste grao foy o livro. Recebeo Christo ultimamente o livro em as mãos, que foy o Divinissimo Sacramento: *Acceptit panem in sanctas, ac venerabiles manus suas*: Assim ex-

plica São Bernardo aquelle livro do Apocalypse, que o Cordeiro Christo proximo à morte recebeo das mãos do Presidente, que estava sentado no trono, assistindo à roda muytos graduados: *Acceptit de dextera sedentis in throno librum*. Livro foy o Sacramento, em que por força de palavras o Amor como impressor estampou o Divino Verbo, & a palavra Divina: livro encadernado em o pergaminho de brancos accidentes: livro com sete sellos, que o occultão, que saõ os sete prodigios, q̃ nelle se encerrão.

355 Teve este livro antes de sahir a luz suas contradicçoës: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Teve licenças; porque se imprimio com o beneplacito do supremo Inquisidor Christo: *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum*. Teve approvação: *Quid bonũ ejus, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Teve dedicatoria; porq̃ o dedicou Deos ao homem: *Accipite, & comedite*: pera q̃ o homem por meyo d'elle se dedicasse todo a Deos. Teve privilegio; porq̃ quiz Deos

Deos q̄ o imprimisse só o homem em o papel fragil de sua natureza, & não o Anjo.

356 Tem este livro alfabeto; porque he Deos principio, & fim deste livro: *Ego sum, Alpha, & Omega: initium, & finis.* Tem numeros; porque contem em sy ao q̄ he hum na Essencia, & Trino nas Pessoas. Tem linhas, & tem pontos: & de cada ponto sae a linha da vida, que nos conduz à circumferencia da eternidade: *Vivet in aeternum:* derivandose estas linhas do centro, que he Deos. Tem corpo, & tem margens: o corpo de Christo: as margens da hostia. Tem rubricas; pois contem em sy o sangue de Christo. Tem folhas, flores, & frutos; pois he Arvore da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet.*

357 São os livros pasto dos entendidos: he tambem este livro manjar dos entendimentos: *Cibabit illum pane vitae, & intellectus.* Inventaraõse os livros pera suprir as memorias: pera incêrivo da nossa lembrança se compoz tambem este livro: *In mei memoriam facietis:* Costumaõ se dar as memorias por prenda:

& por prenda nes deixou Christo esta memoria. Os mais livros tem taxa; porque tem preço: este como não teve preço, não teve taxa: todo, & a todos se dà de graça. Nem nos faça duvida sendo o Sacramento manjar, que se gosta, ser livro; porque tambem os livros se comê como manjar: *Devoravi illum:* mas os outros livros amargaõ: *Amari-catus est venter meus:* este deleita: *Omne delectamentũ in se habentẽ.* Supposto q̄ o Sacramento foy o livro, q̄ recebeu Christo nas mãos.

358 O livro, que se dà aos graduados, respeita a faculdade, em que se graduãõ. E assim vemos q̄ aos graduados em Theologia se entrega a Sagrada Escritura: aos Mestres em Artes o livro de Aristoteles: aos de Canones, & Leys o de direito: aos de Medicina, o de Galeno. E como Christo nesta hora se graduava na faculdade do Amor tomou nas mãos o livro do Sacramento: *Acceptit Jesus panem:* porque neste livro só comperia a esta faculdade: & por isso só quando se graduou no Amor, tomou nas mãos este livro. Quan-

do se houve de entregar, & abrir aquelle livro do Apocalypse, se representou Christo na figura de Leão, & juntamente na de Cordeiro. *Vicit Leo: eilo ahi Leão: Vidi agnum stantem: eilo ahi Cordeiro.*

359 Porém he digno de reparo, que representandose Christo como Cordeiro, & como Leão, não recebesse das mãos do Presidente aquelle livro em quanto Leão, mas em quanto Cordeiro: *Vidi Agnum stantem tanquam occisum. Et accepit de dextera sedentis in throno librum* Dizey o que me parece. Christo em quanto Leão he assinalado no poder: em quanto Cordeiro he graduado no Amor: *Leo per potentiam: Agnus per mansuetudinem:* Diz Richardo. E como neste livro mysterioso se symbolisava o Divinissi no Sacramento da Eucharistia, recebeo Christo nas mãos o livro na figura de Cordeiro amante, & não na semelhança de Leão forte, porque a insignia deste livro competia só a Christo em quanto Cordeiro sacrificado por Amor, & não em quanto Leão assinalado no poder.

360 E como Christo nesta hora se graduou no Amor, expondose ao sacrificio como Cordeiro, o livro do Sacramento era desta grao a empreza mais propria. E pondo o Divino amor nas mãos de Christo este livro, quiz mostrar, que com esta insignia o graduava em hum Amor excessivo. E esta he a terceira propriedade do Amor desta hora: *In finem dilexit eos.* Explica São Dionisio: *In summum dilexit, quando nobis communionem fecit.* Aqui se graduou ultimamente o Amor: porque aqui chegou ao supremo grao: *Usque ad summum gradum diligendo suis gradibus ascendit, ac demum ad metam Charitatis pervenit.*

361 Não houve no Apocalypse quem pudesse abrir, ou ler este livro: *Et nemo poterat aperire librum, nec respicere illum:* porque não ha quem possa dar alcance a este Amor: por isso só o Cordeiro Christo o abriu, & leo. Taõ excessivo se mostrou o Amor de Christo nesta hora pela instituição do Sacramento representado no livro, que em sua comparação fica a perder de

de vista qualquer outra fineza do Amor do mesmo Christo. Grande prova no mesmo texto. Como quer q̄ Christo (diz o Evangelista) amasse aos seus, que estavaõ neste mundo, com todas as veras, os amou nesta hora com excesso: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Usque ad summum gradum &c.*

362 Vede o que dizeis Sagrado Chronista: dizeis que amou aos que estavaõ neste mundo? E não amou tambem aos que estavaõ no outro mundo? Por ventura não abrangeo o Amor de Christo aos Patriarchas, & Profetas, & aos mais, que estavaõ no Limbo? Se por todos morreo nesta hora: como não dizeis que amou a todos? Dizey o que me parece. Quando o Evangelista disse que Christo amara nesta hora aos que estavaõ no mundo, não fallou do Amor da Redempção; porque esta foy pera todos os deste mundo, & do outro: nem fallou da fineza de lavar es pés; porque esta não obrou Christo por todos os que estavaõ no mundo, mas só pelos que estavaõ no Cenaculo: logo

parece que só applicou este Amor a admiravel instituição, & dadiva do Sacramento.

363 Confirma esta intelligencia a explicação de São Dionisio: *In finem dilexit eos, hoc est, ad summum, quando nobis communionem fecit.* E convenceo a razão; porque só pera os que estavaõ, & havião de estar neste mundo, & não pera os q̄ estavaõ no outro, instituiu Christo o Sacramento. Isto supposto ainda está em pé a duvida. Porque Christo instituiu o Divinissimo Sacramento só pera os deste mundo, deixou de amar aos outros? Não. Como peis restringio o Evangelista o Amor de Christo aos deste mundo? *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

364 Olhem. He verdade que a todos amou Christo nesta hora; pois por todos padecoo, & a todos redemio: porèm como só pera os deste mundo instituiu o Divinissimo Sacramento, só a estes disse o Evangelista que amara, sem fazer menção dos outros. Porque foy tão excessiva a fineza do Amor de Christo

nesta dadiua, que comparada com as mais, só esta parece merecia de fineza o titulo: como nesta data se mostrou seu Amor mayor, só a esta chamou Amor: *Cũ dilexisset suos, qui erant, &c.* à vista desta fineza ficãrão as mais a perder de vista. E porque este Amor foy tão excessivo, & inexplicavel, por isso o livro, em que se continha, foy de se ler tão difficultoso: porem tanto que Christo o tomou em as mãos, & o abriu pera nos ensinar, todos ficamos capazes de o ler.

365 Este he, oh Sabios, & Mestres do mundo, o verdadeiro livro, porque haveis de estudar, & aprender. Nelle se contem a Sabedoria Eterna. Neste livro aprẽdereis a mortificação dos appetites; pois alli o vedes mortificar os sentidos, & as potencias: neste livro aprẽdereis a ser põtuaes na observancia dos preceitos, pois alli o vedes tão pontual, que não falta em hum ponto, em hum indivisivel não falta: & neste livro aprendereis a ser amantes verdadeiros; pois o vedes alli como prisioneiro amante posto em custodia: como extremo exposto a

accidẽtes. Se os outros livros são pasto do entendimento, a este não só haveis de dedicar os entendimentos, mas tambem sacrificar os coraçõens. Se este livro he manjar da alma, sem razão serà negarlhe a alma a este manjar.

366 Quiz Deos que a serpente desse o peito à terra: *Super pectus tuum gradieris.* E seria a causa, porque a terra lhe havia de servir de sustento: *Terram comedes:* & fora tyrannia servirhe a terra de alimento, & não dar o peito à terra. Isto que na serpente dispoz Deos por castigo, seja em nós por agradecimento. Este livro instituiu Christo como manjar nosso: & será grande ingratitude não darmos o coração a este manjar, & a este livro. E consagrando a este livro todo o nosso amor, corresponderemos de algum modo àquelle excessivo Amor, com que Christo nos amou, & em que se graduou nesta hora: *In finem dilexit eos: hoc est: in summum quando nobis communionem fecit. Usque ad summum gradum diligendo suis gradibus ascendit, &c.*

367 Condecorado o nosso

Graduado com as insignias: repartidas as propinas: que se segue mais que o segundo acompanhamento? Não foy este como o dos outros graduados até a caza propria, mas até o Calvario. Porém q̄ differente foy este segundo acompanhamento do primeiro! O primeiro foi de applausos: este de injurias. O primeiro foy festivo: este todo lastimoso. O primeiro foy entre Discipulos amados: este entre crueis inimigos. O primeiro foy com vivas de glorioso: este com pregoens de condenado. Tambem vejo já trocadas as insignias; porq̄ em lugar do anel, que em as mãos lhe poz o Amor por prenda, lhe prendeo o odio as mãos com cordas: em lugar da coroa magistral, leva hũa coroa de espinhos: em lugar do livro, que tinha em as mãos, leva a Cruz a seus hombros, q̄ foy hum dos mysterios daquelle livro: *Recolitur memoria passionis ejus*: tudo neste livro saõ rubricas de seu san-

gue, q̄ abittão agudas penas.

368 Assim chegou o nosso graduado ao monte Calvario, aonde tomou posse da sua cadeira, que foy a Cruz: della nes está dando maravilhosas liçoens. Aprende y dalli, oh soberbos, a humildade na inclinação da cabeça. Aprende y, oh Avarentos, a liberalidade na rotura, & extensão das mãos: aprendey, oh Envejosos, a charidade na abertura do peito: aprendey, oh ricos, & ambiciosos, a pobreza espiritual na desnudez do corpo: aprendey, oh regalados, a mortificação do gesto na bebida do vinagre, & fel amargo: aprendey, oh iracundos & vingativos, a brandura no perdão, que deu aos inimigos. Estas liçoens nos dà o nosso graduado Mestre da sua cadeira: & nos segura que tem muytas cadeiras no Céu: *In domo Patris mansiones multæ sunt*: pera dar aos que se graduarem na virtude, & no Amor, & se conservarem na sua graça.



SERMÃO

DO

DESAGGRAVO DE CHRISTO

Sacramentado

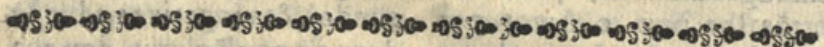
NA FESTA, QUE NO MEZ DE JANEIRO

Ihe faz todos os annos a Nobreza de Portugal

P R E G A D O

NA IGREJA DO PARAIZO POR ESTAR

reedificandose a de Santa Engracia.



Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.

Joannis 6.

569

NO principio do mundo plantou Deos hũ Paraizo delectavel, & disse Philo, que fora o mesmo, que edificar hum templo sumptuoso. Tinha hum altar no meyo, & nelle hum Sacratio, que era a Arvore da vida, cujo fruto pendente de seus

ramos, era agradavel objecto da vista, suave lisonja do gosto. E se lâ no principio do mundo houve hum Paraizo, que teve o appellido, & semelhança de templo: hoje nos achamos em hum templo, que não sò tem o appellido, mas as semelhanças daquelle Paraizo. Pois no meyo d'elle se vê hum altar, & nelle

nelle hum Sacratio, aonde está exposto aos nossos olhos, como iguaria de nossas almas, o fruto da verdadeira Arvore da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet.*

370 Naquelle templo, ou Paraizo, ouve hum furto, & hum desaggravo. O furto fizeraõ nossos primeiros pays, como disse Agostinho meu grande Padre: *Raptores gloriae Dei*: O desaggravo foy de Deos. Tambem neste templo do Paraizo se celebra hoje: hum desaggravo catholico de hum roubo sacrilego, que entre estes applausos lamentação os nossos coraçoes, o qual se cometeo em hum templo, a quem este do Paraizo substitue hoje, & representa. Porém notem hũa differença, que houve entre hum, & outro furto: entre hum, & outro desaggravo. Este furto sacrilego foy mayor na razão de desacato: & o furto de Adão foy menor na razão de offensa (fallo da offensa de Adão em quanto culpa pessoal, & não em quanto culpa capital.)

371 Foy mayor este furto sacrilego na razão de desacato por tres titulos: pela cir-

cunflância da pessoa, pelo motivo, & pela materia. Pela circumstancia da pessoa, porque quãto mais vil he a pessoa, q offende, tanto mayor he a offensa: & aquelle furto do Paraizo cometeo Adão, que era hum homem Principe: & este, crível he, que o cometeo hum homem vil, & baixo. Pelo motivo, porque Adão ainda que desprezou o preceito de Deos, não intentou directè fazer o desprezo: mas sò saborear o gosto, ou adquirir pelo fruto da sciencia a semelhança do ser Divino: *Eritis sicut Dei*. Porém o aggressor deste furto não quiz saborear o gosto, & intentou formalmente fazer o desprezo. Pela materia, porque Adão furtou o pomo da Arvore da sciencia: & este complice roubou o fruto da verdadeira Arvore da vida. E vay tanto de hũ fruto a outro fruto, quanto vay de hum pomo limitado a hum manjar infinito, de hũa creatura ao Creator, de hũa maçãa a huma Divindade.

372 Eis aqui a differença, que houve entre hum, & outro aggravado, entre hum, & outro roubo. E sendo mais gra-

ve este furto que o de Adão, vejaõ com o Deos se houve no desagravo de hum, & outro. Do furto de Adão se desagravou Deos intimando-lhe hũa sentença de morte: *In pulverem reverteris*: pena de degredo: *Emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis*: & as mais que do Texto constaõ. Mas neste caso, se lo mayoro agravo, não consta que Deos per sy mesmo fizesse demõstraçoens de agravo, ou executasse algum castigo. Naquelle Paraizo, o desagravo todo foy de rigores: neste Paraizo o desagravo todo he de beneficios, & applausos. O Desagravo de Deos naquelle Paraizo, foy tambem prohibir a Adão o fruto da Arvore da vida: *Ne fortè mittat manũ suam*: & *sumit etiam de ligno vite*: & no desagravo deste Paraizo estã offerecendo a todos a vida no fruto daquelle Arvore: *Qui manducat hunc panem, vivet*.

373. E não pareça cousa nova chamar ao Divino Sacramento desagravo; porque já Santo Ambrosio o disse: *Diabolus cibo fraudis deceptus unum, ut in uno omnes cir-*

cunveniret. Jesus autem cibo salutis omnes redemit, ut in omnibus, & illum, qui deceptus fuerat, reformaret: que o Sacramentarse Christo fora como desagravo daquelle furto do primeiro homem. Mas agora faremos distincção. O Divino Sacramento, ou o podemos considerar como instituido na noyte da Cea, ou como exposto nestes dias: como instituido na noyte da Cea foy desagravo do furto de Adão: como exposto nestes dias, he desagravo do roubo sacrilego, de que nestes dias se faz memoria.

374. O que suposto vejamos já donde procedeo a differença, que houve entre hũ, & outro desagravo, entre o desagravo daquelle Paraizo, & o desagravo deste Paraizo. A razão de differença, a meu entender, foy. Porque o furto daquelle Paraizo não foy contra Deos no Sacramento: & por isso se desagravou como justo: o roubo, de que se faz lembrança neste Paraizo, foy de Deos Sacramentado: & por isso se desagrava como Misericordioso. Quando Deos se desagrava da of-

fen-

fensa, que se lhe faz sem estar no Sacramêto, corre o desagravo por conta da sua justiça: porém quando de desagrava de hũ defacato cometido cõtra o Sacramêto, corre o desagravo por conta da sua Misericordia, ou da sua Paciencia.

375 Fez aquelle homem Rey, que era Christo, hũ banqueete: *Simile factum est regnum calorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo*: em o qual se representava a meza da Sagrada Eucharistia, como querê Santo Agostinho meu Padre, Santo Hilario, & outros. Foraõ muytos os convidados: & entrando o Senhor na casa pera os ver comer: *Intravit Rex ut videret discumbentes*: diz o texto que vendo sentado na meza a hum homem, que não vinha trajado de festa: *Vidit ibi hominem non vestitum veste nuptiali*: lhe estranhou gravemente o atrevimento, & confiança: *Quomodo huc intrasti non habens vestem nuptialem?* Como te atreveste oh indigno, a entrar nesta casa sem trazer gala de festa?

376 Dous crimes cometeo este homem: hum foy entrar

naquella casa: outro foy sentarse àquella meza, & comer; porque diz o texto que o virá o Senhor entre os que estavam sentados: *Intravit Rex ut videret discumbentes, & vidit ibi hominem, &c.* Mayor crime foy sentarse aquelle homem indigno à meza pera comer, do que entrar na casa: pois como lhe estranha o Senhor tanto o entrar na casa, & não o sentarse à meza? Porque não disse: *Quomodo hic sedisti?* Senaõ: *Quomodo huc intrasti?*

377 Direy. O entrar na casa com indecencia, era offensa cõtra o respeito da casa, sentarse à meza pera comer indignamente era hũ sacrilegio cõtra o Divinissimo Sacramento; por isso dissimulou o sêtar-se à meza, mas estranhou o entrar na casa: *Quomodo huc intrasti?* Do crime do entrar na casa, como não era immediatamete contra o Sacramento, desagravouse o Senhor cõ a queixa: *Quomodo huc intrasti?* & cõ as mãos da justiça: *Tuc dicit Rex ministris: ligatis manibus, & pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores*: do crime do sentarse à meza, como era contra o Sacramento, desagravouse como Misericordia.

ricordioso com a Paciência: o desagravo foy dissimular o agravo. He verdade que despois foy castigado este homem: mas o texto não apon- tou por causa do castigo a injuria feyta ao Sacramêto mas a descortezia contra a caza: *Quomodo huc intrasti.*

373 Assim se desagravou Christo na Meza do Sacramento, do desacato daquelle homem indigno: & assim se desagrava nesta casa do roubo daquelle sacrilego, a quem o Senhor podia dizer com muyta razão: *Quomodo huc intrasti?* Como te atreveste a entrar em hũa Igreja sem a gala da graça, & sem a gala da Fé? Como te atreveste a profanar hum Sacrario? É q de hum tão grande sacrilegio se desagrave Deos com o seu sofrimento, & como beneficio! Oh triunfo mayor da Divina Paciência! Esta he a razão de differença, q houve entre o desagravo daquelle Paraizo, & o desagravo deste Paraizo: aquelle correo por conta da justiça, este por conta da Paciência.

379 O que supposto he este desagravo hum triunfo da Paciência de Christo: de

que resulta o desempenho de tres verdades, com que se desagravará o Divinissimo Sacramento; contrapostas a tres motivos, que concorrerão neste sacrilego roubo. Primeiramente intentou com elle o sacrilego desluzir a Divindade de Christo no Sacramento; porq se o conhecêra ahi como Deos, não o roubára, como a semelhante intento disse São Paulo: *Sic enim cognovissent, nunquam Dominum glorie crucifixissent.* Intentou por meyo da afronta escurecer a gloria de Christo Sacramentado: finalmente fazendo hum desacato tão publico, quiz eclipsar, & desacreditar a nossa Fé.

380 Em contraposição destas tres circumstancias do sacrilegio, nos abrirá o triunfo da Paciência de Christo caminho pera tres desagravos. Pera o desagravo da Divindade de Christo no Sacramêto: desagravo da sua gloria: & desagravo de nossa Fé. E estes tres desagravos serão desempenho de tres verdades. Alli se mostrará pela Paciência, com que soffreo esta injuria verdadeiramente Deos: *Verè:* verdadeiramente glo-
rio-

rioso: *Verè*: verdadeiramente augmentando a nossa Fè: *Verè*. Será o Divinissimo Sacramento o desaggravo, & juntamente o desaggravado.

381 Entremos com o primeiro desaggravo, que he o desempenho da primeira verdade: *Caro mea verè est cibus*: Eda particula *Verè*: tem força de juramento, com que Christo nos confirma as verdades deste mysterio. Huma das principaes he estar Christo naquelle Sacramento como verdadeiro Deos; porque ainda que o *Verè*: formal, & expressamente affirme que alli està o Corpo, & sangue de Christo: *Verè est cibus, verè est potus*: tambem afirma que alli està a Divindade *per concomittantiam*. Assim o testemunha a nossa Fè, & a lim o persuade o desquite deste roubo sacrilego. Intentou o aggressor delle encontrar a Divindade de Christo no Sacramento. E a paciencia, com que Christo soffeo este desacato foy prova bem e eficaz do seu ser Divino. Ser o desaggravo da afronta o beneficio: verse exposto por desaggravo no mesmo Sacramento, aonde foy afrontado; is-

to não cabe na esfera de hum homem puro, mas de hum homem Deos.

382 Dos quatro Evangelistas só São Joaõ não refere aquella tão catholica com celebrada confissão, que fez o Centurião da Divindade de Christo: *Verè Filius Dei erat iste*. Pergunto. Porque passou São Joaõ em silencio hũa cousa tão notavel, & tão digna de sua historia, & que tanto cedia em abono de seu Divino Mestre? Se com o primeiro rasgo da sua penna deu testemunho da Divindade do Verbo: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum*: como suspendeo a penna em quanto a este testemunho da Divindade de Christo? Porque não diz o Evangelista São Joaõ o que disserão os outros Evangelistas? Não só disse o que os outros disserão, mas disse mais, & descreveo aquelle testemunho por estillo mais levantado.

383 Sò o Evangelista São Joaõ fallou na lançada, q̃ o soldado deu no peito do Redemptor, de que manou sangue, & agoa: *Unus mili-*

tum lancea latus ejus aperuit, & continuo exiit sanguis, & aqua. E não podia o Evangelista referir testemunho mais abonado da Divindade de Christo, que este maravilhoso successo. Era o peito de Christo hum Sacrario, que tinha encerrado em sy o Sacramento da Eucharistia representado no sangue: *De latere Christi exteruni Sacramenta:* & tanto que o soldado rompeo o Sacrario, logo se expoz o Sacramento no peito, & logo correo pera nosso remedio: *Continuo exiit sanguis,* este foy o desaggravado daquelle sacrilegio, este foy o desquite daquelle violencia.

384 E desaggravarse Christo de hum tão grande defacato com hum tão singular beneficio: expor-se o Sacramento no peito como em Sacrario, tanto que o soldado rompeo o Sacrario do peito, não tardando mais em se expor do que a lâça se deteve em abrir: *Continuo exiit sanguis:* este foy o mayor triunfo da sua Paciencia, & o mais claro indício da sua Divindade. Alguns Authores tem pera sy q̄ o mesmo Centuriaõ que con-

fessou a Divindade de Christo fora o que lhe rompeo o peito: & tão venturosamente, que sendo cego, & gentio, em o sangue que correo pela lança teve hum collirio admiravel, com que se lhe alumia-raõ não sô os olhos do corpo, mas os da Fè, & da alma: *Latus Salvatoris aperuit, & gutta sanguinis Christi illuminatus est extra, & intus lumine fidei:* diz S. Izidoro. Ah soldado cego! Como assim offendestes a officina do Sol, q̄ te deu luz pera ver! Como assim rompestes às lançadas hũ coração, que por ty te defentranhou em finezas! E que metendolhe este soldado cego a lança atê o coração, com o mesmo sangue do coração lhe alumie Christo os olhos! Que assim se desaggrave Christo daquelle injuria! Signal evidente de ser hum homem Deos.

385 Dous testemunhos deu o Centuriaõ da Divindade de Christo: hum foy com as vozes da lingua: *Vere filius Dei erat iste:* & este referiraõ os outros Evãgelistas. O outro testemunho foy com o successo da lançada: *Latus ejus aperuit:* & com a vista dos

dos olhos: *Qui vidit testimonium perhibuit*: estas palavras, diz Barradas, que entendem alguns do Centurião: aquelle, que sendo dantes cego, milagrosamente vio: *Qui vidit*: este foy o que testemunhou: *Testimonium perhibuit*. E este segundo testemunho referio S. João. Os outros Evangelistas fizeraõ menção do testemunho, que o soldado deu com a boca: *Vere filius Dei erat iste*: S. João com superior estillo narrou o testemunho, que da Divindade de Christo deu a boca, que a lâçã lhe abriu no peito: *Exiuit sanguis*: ser aquelle o desagravo na lançada, foy hũ grande brado em abono de ser Divino: *Vere filius Dei erat iste*.

386 E que grande confusão aquelle gentio pera o sacrilego do nosso caso! Aquelle gentio tanto que rompeo o Sacratio, & chegou com os olhos ao Sacramento, logo vio, & logo se converteo: *Illuminatus est extra, & intus*: mas este nem se converteo, nem vio. Aquelle tentou o Sacratio cego, & logo abriu os olhos: este se cego entrou, ficou mais cego. Aquelle sendo dantes infiel, ficou confitente:

era de nação Romano, mas não era catholico, & despois ficou catholico Romano: este entrou infiel, & perseverou obstinado. O soldado ainda que rempeo o Sacratio, não profanou cõ as mãos o Sacramento: este tal vez q̃ para profanar cõ as mãos, & cõ os pès o Sacramento, romperia o Sacratio. Este intentou no roubo, & na violência desacreditar a Divindade de Christo: aquelle pera conhecer a Divindade de Christo tomou occasiã da mesma violência, & do mesmo roubo: *Illuminatus est*.

387 Oh quãto vay daquelle sacrilego a este gentio! E quãto mayor foy tambẽ o desagravo na razão de beneficio, q̃ a violência na razão de desacato. O desacato da lançada foy hũa acção transeũte: o desagravo foy hũ beneficio permanente; porq̃ perennemẽte ficou manãdo aquelle sangue do peito na meza do Sacramento: *De latere tuo perennes esluent rivus*: diz S. Cypriano; por isso mysteriosamẽte foy a lâçã dada em Christo morto; porq̃ como a ferida em corpo morto naturalmẽte, não se cerra, ficasse aquella porta do coração sempre aberta, aquella fonte do

Sacramento sempre exposta. O mesmo succedeo no nosso cazo. Pois o ser o Sacramento hũa vez roubado, foy occasião de que o tivéssemos todos os annos exposto, sendo mayor o beneficio no desfagravo, que antes do agravo. E có este modo de desfagravo q̃ bem se desfagrava a Divindade de Christo no Sacramento: *Vere.*

388 Christo no Sacramêto está verdadeiramente como Deos, & como homem: & se no desfagravo das injurias uzára do rigor do castigo, ou da mão da justiça, mais parecéra homem que Deos. Profanou Baltazar os vasos sagrados roubando os ao templo, q̃ era o seu lugar devido, para se servir delles naquella regio, se bẽ infausto banquete: & querendo Deos dar logo o castigo a este tão grande sacrilegio: diz o texto, que apparecerão entre as delicias do convite os dedos de hũa mão, que escreviaõ em a parede a sentença da sua morte: *Apparuerunt digiti quasi manus hominis scribentis in superficie parietis:* tão annexos andão em o mundo os sobrefaltos aos gostos.

389 E he para reparar dizer

o texto que esta mão parecia mão de homem: *Quasi manus hominis.* Pergunto. Esta mão, que escrevia aquella sentença, não era mão de Deos? Assim o dizem os Expositores: *Manus Domini scribebat in pariete.* Diz Escobar: fallò no sentido methaforico; que no sentido proprio, Deos não tem mão. Pois se aquella mão era mão de Deos, & não de homẽ: como diz o texto que parecia mão de homem, & não de Deos? Eu o direy.

390 Porque aonde a vulgata le. *Quasi manus hominis scribentis in superficie parietis:* Vertem alguns: *Egressi sunt digiti super calice, rege vidente:* Que apontaram os dedos da mão sobre o Caliz, como mão de relógio, q̃ apontava a ultima hora da vida de Balthazar. Apontar a mão sobre o Caliz era innuir, q̃ a causa da morte de Baltazar, era ter profanado aquelle Caliz; & como o Caliz do tẽplo era figura do Caliz da Sagrada Eucharistia, uzar Deos no desfagravo do Caliz do Sacramêto, da mão da justiça, apparecer mão de castigo no Caliz, fez q̃ essa mão sendo mão de Deos, parecesse mão de homẽ: *Quasi ma-*

nus hominis. Porque quando Deos se desagrava como Deos, das afrontas feitas a hũa figura do Sacramento, não uza da mão da justiça, uza da mão da Misericordia.

391 He verdade que no Sacramento está Christo como Deos, & como homẽ: porẽm quando se desagrava cõ o rigor do castigo, mostra mais ser homẽ q̃ Deos. E notem q̃ não pareceo aquella mão de homem, mas quasi de homẽ: *Quasi manus hominis*: não era toda a mão, mas alguns dedos: *Digiti*: q̃ sempre no Sacramento teve a mão menor pera o castigo. Daqui se segue *à contrario sensu*: q̃ o desagravar-se Christo no Sacramento das injurias se uza da mão do castigo, antes da mão do beneficio, he final claro, que no Sacramento não só está verdadeiramente homem, mas verdadeiramente Deos. *Vere.*

392 Naquelle banquete de Baltazar virão os convidados a mão do castigo, mas não virão o corpo: neste roubo nem se vio o corpo, nem se vio a mão Baltazar profanou os vasos sagrados: este sacrilego não só profanou, & roubou o

cofre, mas o precioso thesouro, que nelle se encerrava. Contra Baltazar conjurárase as mesmas paredes com os caracteres impresos: *In superficie parietis.* Não sey como neste sacrilegio senão defendeaixarão as pedras das paredes pera te sepultar, oh agrefor! Como senão abriu a terra pera te soverter, como a Dathan, & Abiron! Como não caistes morto como Oza! E com mayor razão; porq̃ Oza tocou na Arca de Mannã figura do Sacramento, respectivo: & tu tocastes no verdadeiro Mannã, injurioso. Mas não se desagrava Deos assim no Sacramento; porq̃ no Sacramento he Deos.

393 Naquelle banquete de Baltazar leose o desagravo nas paredes do palacio, q̃ era hum exemplar castigo: tambem nas paredes deste templo se está lẽdo o desagravo, mas com diferentes caracteres, q̃ são o mais custoso a ceio, & o mais precioso adorno. Se naquelle templo o qual este hoje representa, se virão arrancadas as portas, rotas as paredes, profanados os altares, & roubado o Sacramento: neste desagravo vemos as

portas patentes, as paredes ornadas, venerados os altares, & o Sacramento exposto. Se naquelle tempo houve pera o agravao huma mão sacrilega, & hum coração preverso: bem desagravado estais meu Deos; pois aqui vos desagravao tantas mãos generosas, & tantos coraçãoes devotos, quantos saõ, os dos vossos escravos.

394 Balthazar naquelle biquete não só profanou os vasos sagrados, mas foy occasião de q̃ os profanassem todos os mais assistentes: *Vt biberent in eis Rex, & optimates ejus, uxores, &c.* Quem me diz q̃ no cazo presente não succederia o mesmo? Fundase a minha conjectura, em que apparecendo o cofre, não appareceo o precioso thesouro, q̃ nelle se depositava. E q̃ grande razão pera a nossa magoa! Queixouse Labão de que Jacob lhe furtasse os seus Idolos: & to-la a sua razão de queixa fundou em q̃ lhos furtasse, & levasse consigo, quando hia pera a sua patria, & pera os seus: *Esto ad tuos ire cupiebas, & desiderio erat tibi domus patris tui: cur furatus es Deos meos.*

395 E que circumstancia e-

ra esta do furto pera aggravar tanto em Labão o sentimento? Direi. Sospeitou Labão q̃ os da familia, & patria de Jacob, como criação no verdadeiro Deos, & não veneravão aquelles Idolos falsos, lhe poderiaõ fazer muytos desprezos. E isto foy, o q̃ Labão sentio mais, como se differa: Que Jacob senão contente cõ furtar os meus Idolos, mas q̃ os leve aos seus, & aos da sua creça, pera lhe fazerem multiplicados desprezos, & repetidas afrontas! Grande razão pera a minha magoa!

396 O q̃ Labão temia aos seus falsos Idolos, quem me diz não succederia ao nosso Deos verdadeiro? Quem me diz que lhe não fariaõ multiplicadas injurias os da creença deste sacrilego? Que não escoderiaõ em hũ lugar immudo aquelle thesouro, como Rachel fez aos Idolos *subter strameta cameli*. Sinta Labão as afrontas dos seus Idolos, porq̃ estas podẽ convencer a sua Divindade fingida. Porẽ não poderãõ os mayores desprezos desluzir a Divindade de Christo no Sacramento: antes quando no desagravo das injurias se mostra tam paciente, & misericordioso, entam

desempenha mais a verdade do ser Divino: *Vere est cibus: ve e est potus.*

397 O segundo desagravo pera que nós abre caminho o triunfo da paciência de Christo he ÷ da sua gloria. Intentou o sacrilego por meyo desta afronta escurecer a gloria de Christo no Sacramento: & em cõtraposiçã deste motivo se segue o desempenho da segunda verdade do Sacramento, q̄ he estar nelle Christo verdadeiramente glorioso: *Vere est cibus.* E pera que não pareça q̄ confundo a materia deste segundo discurso com a do primeiro; havemos de advertir, que a gloria de Christo no Sacramento não sò lhe cõpete por razão do ser Divino; mas tambem por razão do ser humano. E assim este *vere* não sò afirma que na sagrada Eucharistia está o Corpo, & Sangue de Christo; mas o modo com q̄ está: q̄ he estar immortal, glorioso, & impassivel na realidade, ainda q̄ na representação morto.

398 Assim o ensina a verdade de nossa Fè: & assim o persuade o triunfo da paciência de Christo, com q̄ se faço

este desacato; pois quãdo parecia estar mais afrontado, entãõ ficou verdadeiramente mais glorioso: *vere*: ficou mais glorioso não em sy; por q̄ não podia crescer na gloria, mas em ordem a nós. Dous memoriaes fez Christo no Sacramento pera braço de suas glorias hũ dos milagres: *Memoriam fecit mirabilium suorum*: outros das afrontas: *Hæc quotiescunque feceritis in mei memoriam facietis.*

399 Mas parece quiz fazer mais patentes as afrontas que os milagres; por q̄ a memoria dos milagres não no la pediu a nós, fela elle per sy: *Memoriam fecit*: a lembrar çã das afrontas; não sò a quiz Christo em sy, mas tambem em nós: *Hæc quotiescunque feceritis in mei memoriam facietis*: mostrando, ao q̄ parece, que mais se glorificava no Sacramento pela paciência, com q̄ sofria as injurias, q̄ pelo poder com q̄ obrava as maravilhas. He Christo no Sacramento Paõ de duas faces: *Panis facierum*: E se por hũa face parecia afrontado, olhando por outra face, se mostra mais glorioso. Costuma ser a paciência nas a-

frontas meyo pera se conseguir o fim da gloria, mas em Christo Sacramentado foy a mesma gloria essa Paciencia.

400 *Sufferentiam Job audistis, & finem Domini vidistis.* Compara o Apostolo Santiago a paciencia do Santo Job com o fim de Jesu Christo: ouvistes a paciencia de Job, & vistes o fim de Christo. Não parece ajustada a comparaçã. Sendo Job figura de Christo, parece, que havia de comparar o Apostolo a paciencia de Job com a paciencia de Christo, ou o fim de Job com o fim de Christo: mas compara a paciencia em Job ao fim de Christo? Sim. O intento do Apostolo, como dizem muytos, aquê refere o Alapide, foy comparar a paciencia de Job com a paciencia de Christo, & comparou-a ao fim; porque entendeu que o fim de Christo, foy a mesma paciencia.

401 O fim de Christo, como diz Santo Agostinho meu Padre, foy a sua gloria, & eu agora acrescento com algũs Autores que foy a gloria do Sacramento, que instituiu no fim da vida: *In finem dile-*

xit eos. E querendo o Apostolo equiparar a paciência de Job com a paciencia de Christo, comparou a paciencia de Job ao fim, ou gloria de Christo no Sacramento; porque a gloria de Christo no Sacramento consistio nessa paciencia: o mesmo foy padecer injurias no Sacramento que glorificar-se.

402 A paciencia de Job, como fô era meyo pera o fim da gloria, não se chama fim, chama-se paciencia: *Sufferentiam Job audistis*: a paciencia de Christo no Sacramento, como não he meyo pera a gloria, mas a mesma gloria, & o mesmo fim, intitulese fim, & não paciencia: *Finem Domini vidistis.* Em Job a paciencia era só caminho pera o fim da gloria; porque sendo hum homem padecia os trabalhos dados pela mão de Deos: em Christo Sacramentado já he gloria a mesma paciencia; porque sendo Deos soffreo pacientemente as injurias feitas pelas mãos dos homens. Em Job as penalidades forã penalidades; por isso a sua paciencia não era a sua gloria: em Christo Sacramentado as afrontas eraõ tri-

unfos, por isso já se reputava por gloria sua a sua paciencia.

403 Estava Christo em casa do Pontifice Cayfáz exposto às insolencias do odio dos Judeus: & diz São Matheus, que huns o afrontavam com bofetadas, outros lhe davam palmas: *Colaphis eum ceciderunt, alij autem palmas in faciem ejus dederunt.* Já ouvi ponderar este texto, mas agora será com novo reparo. Bem sey que o Evangelista quiz significar as bofetadas, que os Judeus davão a Christo, assim nas primeiras palavras: *Colaphis eum ceciderunt:* como nas segundas: *Alij palmas in faciem ejus dederunt.*

404 Porém esta segunda oração não parece acomodada pera explicar o que o Evangelista queria. Porque ainda que este termo: *Palmas:* signifie tambem as palmas das mãos, não fica bom o sentido da oração pera o intento, dizendo que lhe davam as palmas: *Alij palmas in faciem ejus dederunt:* havia de dizer o texto que o offendiaõ com as palmas: *Cædebant eum palmis:* diferente cousa he

dar as palmas, cu dar com as palmas: pelo que a palavra *Palmas,* se deve entender em quanto significa os ramos da palma symbolo das vitorias, & dos triunfos; & não pelas bofetadas, que os Judeus davão a Christo com as palmas das mãos.

405 Ora digo que aqui pôde ter hum, & outro sentido. Estava Christo naquella occasião cuberto com hum veo, como diz São Lucas: *Vela-verunt eum:* á semelhança do modo, com que assiste no Sacramento, cuberto com hum veo de accidentes. E como sofria pacientemente aquellas injurias, eraõ bofetadas, & eraõ palmas: eraõ bofetadas no entender dos Judeus, eraõ palmas na estimacão de Christo: as mesmas bofetadas, que lhe davão na face por afronta, convertia a sua paciencia em palmas pera o triunfo: *Alij palmas in faciem ejus dederunt.*

406 Boa confirmação temos nas palavras seguintes do mesmo texto: *Prophetizã nobis Christe qui es, qui te percussit?* Diziaõ os Judeus a Christo entre estas injurias: profetizay qm saõ, os que

vos afrontaõ? Porque não differaõ: dizem, quem são os que vos afrontaõ? Mas profetizay, ou dizay profeticamente? O dom da profecia só he pera conhecer os objectos, q̄ aiada não existem, & que estão longe dos olhos, & das potencias: *Prophetia est cognitio rerum antequam eveniant, & procul distantium:* diz Bayeclinch.

407 Se fallaraõ dos sacrilegios, & injurias, que os seus descendentes havião de fazer a Christo pelos tempos vindouros, & continuamente lhe estão fazendo, muyto embora, que pera conhecer estas fosse necessario o dom de profecia; mas pera alcançar as q̄ actualmente lhe fazião a face: *Quis est qui te percussit?* como pôde ser? Bem vejo que como Christo estava com hum veio no rosto: *Velaverunt eum:* tinhaõ erradamente peraly que não sabia quem o afrontava. Mas he porque os Judeus tinhaõ hum veio mais denso da cegueira em seus entendimentos. Ainda assim parece que aquellas palavras: *Prophetiza nobis Christe, &c.* pera o nosso intento tiveraõ algum mystério, que

elles ignoraraõ.

408 Aquellas bofetadas, que davão a Christo, já existião, & não existião: existião já na razão de martyrios: não existião na razão de afrontas, porque pera a paciencia de Christo erão triunfos. Estavão perto de Christo, & longe: estavão perto em quanto afrontas na avaliação dos Judeus: estavão longe de o serem na estimacão de Christo: *Prophetiza nobis Christe.* Porém ainda neste sentido erraraõ no que disseram; porque se o dom de profecia serve pera conhecer os objectos, que não existem, mas hão de existir: aquellas bofetadas, & outras semelhantes injurias, nem eraõ, nem havião de ser afrontas para Christo. Porque como as sofria na representação de Sacramentado, pera a sua admiravel paciencia, sempre as afrontas eram glorias, & os desprezos triunfos: *Alij palmas in faciem ejus dederunt.*

409 Intentou o complice deste roubo sacrilego fazer hũa grande injúria a Christo Sacramentado, & escurecer com este opprobrio

brido da sua gloria: mas trouxe a sua tenção: porque ficou então mais glorioso. Oh quantas afrontas, & quantos roubos sacrilegos fazem a Christo no Sacramento não só os estranhos, mas os seus mesmos! Dous generos considero eu de sacrarios: o sacrario do templo material, ou da Igreja: & o sacrario do templo mystico, que he hum coração, ou huma alma, conforme São Paulo: *Nescitis, quia templum Dei estis.* Fazemos a Deos hum roubo no sacrario do templo mystico, quando o recebemos indignamente: negamos lhe o seu devido sacrario, que he huma alma penitente, & depositamolo em huma alma peccadora: negamos lhe o seu devido sacrario, q he hum coração puro, & recebemolo em hum coração perverso. Isto he roubar lhe o sacrario, & deixalo em poder de tantos inimigos, quantos são nossos depravados affectos.

410 Aquelle roubo sacrilego succedeo hũa só vez, em hũa hora, em hum dia, em hum mez, em hũa anno: & es-

tes sacrilegios se cometem muytas vezes, todos os annos, todos os mezes, todos os dias, & todas as horas. E q rebandoyes desta sorte não só os estranhos, q vos não conhecem por seu Deos, mas os Catholicos, que vos veneraõ por seu Senhor, vos desagraveis destas injurias expõdo vos pera todos, & dãdo vos aos mesmos sacrilegos! Oh triumpho mayor da vossa paciência! Por isso quãdo mais afrontado vos reconheço ahi mais glorioso.

411 Sahio Judas do Cenaculo pera executar a traição, q machinava: & no mesmo ponto, em q Judas se apartou da meza, disse Christo, q então ficara mais glorificado: *Cũ ergo exisset, dixit Iesus: nunc clarificatus est filius hominis.* He o mesmo que: *Nunc glorificatus est filius hominis.* Pois agora se considera Christo mais glorioso? *Nunc* Agora q se ve vendido por hũ Discipulo pera ser afrontado de seus inimigos? Se fora no Jordão, ou no Thabor, aonde pera testemunho de sua gloria, se viraõ rasgos de nuvens, & se ouviram vozes do Ceo, muyto embora: mas naquella occasião,

fião, como he possível?

412 Vejão. He gravíssima questaõ entre os Padres, se comungãrã Judas o Paõ Sacramentoado. Santo Hilario, Theofylato, & outros dizem que não. Theofylato accrescenta que Judas o recebera das mãos de Christo, & occultãra pera mostrar aos Judeus por desprezo, fazendo ludibrio de que àquelle paõ chamasse Christo corpo seu: *Judas Panem accepit, & non comedit, sed occultavit, ut manifestaret Judæis, quod Panem corpus suum vocaret.* Santo Agostinho meu Padre, Santo Ambrosio, São Joã Chrysostomo, & outros Padres são de parecer que Judas comungãra o Sacramento. Mas, ou Judas comungasse o Sacramento, ou o escondesse, pera entregar aos Judeus, sempre cometeo hum roubo sacrilego: se o escondeo, foy roubo do Sacramento: se o comungou, foy roubo ao Sacramento.

413 Se o escondeo, foy roubo do Sacramento; porque queria uzar daquelle Paõ contra a vontade do Senhor, que lho não deu pera aquelle fim de o mostrar aos Judeos por

escarneo: Se o comungou fez roubo sacrilego do sacrario de seu coração ao Sacramêto; pois o recebeu em hum coração, que estava entregue ao demonio: *Cum diabolus já manifestet in cor.* Eis aqui como Judas se houve cõ Christo Sacramentoado. Vejamos agora como Christo Sacramentoado se houve com Judas. Depois de Christo dar nõ Paõ seu corpo, foy a dar o sangue no Caliz, & disse assim: *Bibite ex hoc omnes:* bebey todos deste Caliz. E notou Theofylato que na offerta do Caliz uzãra Christo deste termo: *Omnes:* de que não uzou na entrega do corpo: *Accipite, & comedite:* pera comprehender expressamente a Judas.

414 E depois de Judas cometer hum roubo sacrilego contra o corpo de Christo Sacramentoado, fazerlhe Christo o favor de lhe dar a beber no Caliz seu sangue: *Bibite ex hoc omnes:* de saggravar-se daquelle sacrilego desacato cõ hum tão singular beneficio: q̃ grande credito de sua Paciencia! Que grande testemunho da tua gloria! *Nunc clarificatus est filius hominis.* An-

tes q̄ Judas cometesse o roubo, quando Christo foy a dar seu corpo, nem o excluiu; n̄ expressamente o comprehendeo: *Accipite*: mas tanto que cometeo o roubo, logo o comprehendeo, & o convidou expressamente: *Bibite ex hoc omnes*: bebey todos: pois agora taõ fõra estã de ser afrõ-tado, q̄ entã se mostra mais gloriolo: *Nunc clarificatus est filius hominis*.

415 Foy mayor a gloria da parte de Christo, e como tambem o entregalo, & vendelo mayor abominaçam da parte de Judas: *Peccavi tradens sanguinem justum*: dizia Judas mais desesperado que arrependido: pequey entregando o sangue do just. Se Judas nã sò entregou aos Judeus o sangue de Christo, mas o corpo, & todo Christo: como detesta mais a entrega do sangue, que a entrega do corpo? Achou que entregar o sangue fora mayor trayçam: como se differa: que eu entregasse aos Judeus o sangue de Christo, que elle me offerreceo taõ liberalmente por beneficio: *Bebite ex hoc omnes*: no mesmo tempo em q̄ eu tinha cometido hum sacri-

legio cõtra o corpo Sacramentado! esta foy mayor aleyvosia: *Peccavi tradens sanguinem justum*.

416 Assim como o vende-lo foy mayor abominaçam da parte de Judas, assim o darlhe foy mayor triunfo da parte de Christo. Demonio chamou Christo a Judas: *Ex vobis unus diabolus est*. Oh quantos sacrilegos tem o mudo nã sò peyores que Judas, mas que o mesmo demonio! S. Thomas he de parecer que o demonio persuadirã a Judas que nã comungasse, porque como o seu intento era senho-rearle do seu coraçã: *Intrauit in eum Satanas*: entendo o demonio que nã poderia entrar no coraçã de Judas, estando nelle o Sacramento: *Diabolus timens, ne si panem comederet, eum cedere oporteret non valentem esse in eodem loco cum Jesu, non permisit Judam panem comedere*. E nisto, parece; conhecco o demonio a virtude do Sacramento, & o respeito que lhe era devido.

417 E se tu, oh sacrilego infiel, lhe perdestes o respeito, & lhe negasses a virtude, peyor fosses que o demonio.

Se o demonio não quiz entrar em hum coração, aonde estava o Sacramento: como vos atreveis, oh Ch'istãos sacrilegos, a receber o Sacramento, tendo no coração o demonio? E quando á vista destes sacrilegios trianfa da sorte a preciencia de Christo no Sacramento, que se desaggrava com beneficios; bem desempenhada fica a verdade da sua gloria no Sacramento: alli está verdadeiramente glorioso: *Vere.*

418 O ultimo desaggravo, que resulta do triunfo da paciencia de Christo no Sacramento, he o da nossa Fè, que intentou eclipsar o sacrilego com este publico desacato: & este he o desempenho da terceira verdade. Affirma Christo que seu corpo verdadeiramente he nosso sustento: *Carn mea vere est cibus.* E assim como o alimento corporal tem virtude pera nutrir, & augmentar o corpo, assim este soberano alimento tem virtude pera nutrir, & augmentar a alma na graça, & na fè. Ouação Santo Ambrosio: *Corpus Christi vere cibus hominis, animam nutriend per fidem, & gratiam.*

419 E como este roubo sacrilego foy occasiã de que aquelle soberano manjar se viffe exposto mais vezes, pera alimento de nossas almas, & augmento de nossa Fè: como o esconderfenos aquelle precioso thesouro, foy occasiã de que se abrisse hum novo thesouro de graças, & indulgencias, tão longe esteve de ficar com o roubo do Sacramento a nossa Fè desluzida, q̄ então se vio pelo mesmo Sacramento mais augmentada. *Vere est cibus.* Rompeo o soldado afrontosamente o Sacario do peito de Christo: & disse Tertuliano, que desta injuria do lado se edificara a Igreja Catholica: *Vt de injuria lateris tota formaretur Ecclesia.*

420 Este dizer de Tertuliano ponderou já hum grande engenho em semelhante occasiã: mas foy a outro intento, em ordem ao edificio material daquella Igreja, aonde succedeo o furto. Eu ponderoo de outro modo agora. Havia de dizer Tertuliano, que do lado de Christo se formara a Igreja; que assim o affirmo Agostinho meu grande Padre: *De latere Christi for-*

formata est Ecclesia: mas da injuria do lado? como podia nacer hũ tão grande edificio de hũa afrõta tão grande? Dizey. Formouse a Igreja da injuria do lado, não como de causa, mas como de occasiã. Deu occasiã aquella injuria, que se fez ao Sacratio do lado, a que a paciencia de Christo por desagravo expuzesse o Sacramento no peito: *Exiuit sanguis*: & do Sacramento assim exposto teve a lua formação a Igreja.

421 E como a Igreja se edifica pela Fè, porq̃ este he o feu alicerse: com aquella injuria feyta ao Sacramento, ficou a Igreja edificada; porque cõ o Sacramento ficou a Fè estabelecida: Cõparemos agora hũa injuria cõ outra injuria. A paciencia, com que Christo soffreu aquella primeira injuria, foy occasiã, de q̃ se edificasse a Igreja, & se plantasse a Fè: a paciencia com que Christo sopportou esta segunda injuria, foy occasiã, de q̃ se augmentasse a Fè, & se reedificasse a Igreja. Daquella primeira injuria teve a Fè da universal Igreja os seus principios: desta segunda injuria teve a Fè deste Reyno os

seus progressos.

422 Oh que grande edificação se seguiu despois desta injuria nos catholicos! E que grandes augmentos em a Fè! E que grande confusaõ pera os inimigos della! Persuadiosse cegamente este preverfo, que com nos rcubar o Sacramento publicamente dos olhos, ficasse a nossa Fè com quebras: & entam se viu com melhoras. Notem. A Fè, como ensina São Paulo, he conhecimento dos mysterios, que nam apparecem, & mais se escondem: *Sperandarum substantia rerum argumentum non apparentium*: & assim quanto mais escondido ficou o Sacramento à nessa vista, tanto mais ficou sendo emprego, & objecto de nossa Fè.

423 Em todos os catholicos deste Reyno se vio augmentada a Fè à vista desta injuria: & muy particularmente nos grandes, que com tanto zelo, & fevor tomãraõ por sua conta o desagravo do Divinissimo Sacramento. A todos competia este desagravo, mas em primeiro lugar ao sãgue mais puro. Abrio aquel

le soldado violentamente o Sacrario do peito de Christo, & sahio logo sangue, & agoa: *Exiuit sanguis, & aqua.* Tomo agora o sangue não no sentido mystico, mas no proprio. Em desaggravo daquelle Sacrario offendido, acodio o sangue, & o povo representado na agoa: *Aquæ sunt populi:* mas o primeiro, que se vio sahir, não foy o povo, foy o sangue mais puro: *Exiuit sanguis.*

424. Compete mais aos principaes, & aos princepes o desaggravo das injurias de Christo Sacramentado. Entre os Discipulos de Christo não havia só a espada de Pedro: *Ecce duo gladij hic:* porém só Pedro sahio com a sua espada pera o desaggravo de Christo no horto. Tinhase Christo Sacramentado poucos dantes, & Pedro era entre os mais destinados pera Principe: por isso tomou Pedro o desaggravo por sua conta: desaggravouse Pedro com a espada, que symbolifava a Fé; por isso fez tiro às orelhas pera entrar pelos ouvidos: *Fides ex auditu.*

425. E se os Reys, & grandes deste Reyno tomaraõ em

todo o tempo por empreza desaggravar com a espada a Fé de Christo na Africa, na Asia, na America: que muito que com tanto zelo tomem por sua cõta o desaggravo de Christo Sacramentado. Agora posso eu afirmar que está bem augmentada a nossa Fé, & bem estabelecida a nossa Ley; pois pera a firmeza della concorrem neste desaggravo as assistencias de Christo no Sacramêto, & o catholico zelo dos grandes deste Reyno, que se intitulam seus escravos.

426. Edificou a Divina sabedoria hũa casa: *Sapientia ædificavit sibi domum.* E logo, diz o texto, mandou chamar gente pera a fortaleza, & pera os muros da Cidade: *Misit ancillas suas ut vocarent ad arcem, & ad mania Civitatis.* Por esta fortaleza, & por esta casa entendem os Expositores a Igreja Catholica. Pergunto. Se quando se edificou foy só casa: *Ædificavit sibi domum:* como despois se intitula fortaleza, ou cidade com muralhas: *Vt vocarent ad arcem, & mania civitatis.* Por duas circunstancias, que concorrerãõ

raõ deſpois do edificio. Hũa
foy porſe nella, ou exporſe à
meza do Sacramento: *Miſi-
cuit vinum, & propoſuit men-
ſam.* A outra foy, que deſ-
pois de edificada a caza, ſe a-
chou nella huma confraria de
eſcravos pera chamarem, &
ſervirem à meza: *Miſit an-
cillas ſuas ut vocarent.*

427 E que eſcravos eram
eſtes? S. Hieronymo diz que
eraõ aquelles príncipes, de q̃
faz menção Iſaias: *Pone mē-
ſam .. ſurgite príncipes:* prin-
cepes, q̃ primeiro ſe punham
à meza pera comer, & deſpois
ſe erguiaõ pera ſervir: *Surgi-
te príncipes.* E tanto que na
Igreja ſe expoz a meza do Sa-
cramento, & ſe instituio hũa
confraria de eſcravos prin-
cepes, ou de príncipes eſcravos,
que veneravam com tanto
fervor, ſerviaõ com tanto ze-
lo, & convocavaõ com tanto
cuidado: logo a Igreja, que
era caza de morada, ficou ci-
dade fortalecida. E como o
fundamento deſta cidade he
a Fè, & os muros ſaõ a ley, eſ-
tabeleceoſe de forte a ley, &
reſorçoſe a Fè, que não tem
que recear os combates dos
contrarios, nem os aſſaltos
dos inimigos. O lugar nam

necellita de applicação.

428 Oh venturoſos eſcra-
vos, & eſclarecidos príncipes!
Mas deixame dizer, menos
he o ſeres príncipes, que ſeres
do Sacramento eſcravos. A-
tãraõ a Zara hum liſtaõ en-
carnado em a mão: *In qua
obſtetricis ligavit coccinum:*
& logo deu de mão à primo-
genitura, & ao morgado:
*Illo vero retrahente manum
egreſſus eſt alter.* Zara pre-
zo cõ aquella prenda, ou liſ-
taõ, que pela cor purpurea e-
ra figura do ſangue de Chriſ-
to, moſtrava ſer hum eſcravo
do Sacramento: & como Za-
ra ſe vio cõ huma inſignia de
eſcravo do Sacramento, recu-
ſou o ſer príncipe, ou morga-
do: julgando que muyto me-
nos era ſer morgado, ou ſer
príncipe, que ſer eſcravo do
Sacramento. Por iſſo lhe de-
viaõ de dar o nome luſtroſo
de Zara, que he o meſmo, que
oriente: *Zara hoc eſt oriens:*
ficava com aquella inſignia
naõ ſò eſclarecido no ſangue,
mas illuſtre no nome.

429 Zara teve aquelle liſ-
taõ em as mãos, & ficava com
as mãos prezas, & atadas. Po-
rèm os eſcravos deſta nobiliſ-
ſima confraria não tem as in-
fig-

signias em as mãos; porque as
querem ter livres pera servir,
& dispender com a mayor li-
beralidade: trazemnas ao pei-
to como collar, ou cadea, com
que prendem o coração, dan-
do nelle o amor por preda ao
Sacramento. E como este
roubo sacrilego foy occasiam
de que os grandes nos dessem
hum tão grande exemplo na
sua devoção, & no seu zelo: &
que triunfasse de sorte a paci-
encia de Christo, que por de-
saggravo se expuzesse muitas
vezes, pera alimento de nossa
Fè, desempenhada fica a ter-
ceira verdade: que tão fóra ef-
teve de ficar com esta afronta
publica, a nossa Fè diminui-
da, que antes agora se vé ver-
dadeiramente mais augmen-
tada: *Vere est cibus: Corpus
Christi vere cibus hominis
animam nutriens per fidem,
& gratiam.*

430 Destes tres discursos se
collige a differença, que hou-
ve entre o desaggravo daquel
le Paraizo, & o desaggravo
deste Paraizo. Naquelle ve-
dou Deos a Adão despois do
peccado, o fruto da Arvore
da vida: *Neforte mittat ma-
num suam, & sumat etiam
de ligno vitæ, & comedat: &*

nesté nos offerece com tanta
liberalidade a vida expondo-
nos nestes dias o fruto da-
quella soberana Arvore. E
por ventura que o prohibilo
naquelle, foy, porque reserva-
va o communicado pera este,
não digo só pera o Paraizo
desta Igreja, mas pera o deste
Reyno, que tambem he este
Reyno hum Paraizo.

431 Quando o bom ladraõ
pedio a Christo hum lugar no
seu Reyno: *Memento mei
cum veneris in regnum tuum:*
Ihe desirio Christo à petição,
prometendolhe hum lugar
no Paraizo: *Hodie mecum e-
ris in Paradiso:* porque o
mesmo he o Reyno de Chris-
to, que o Paraizo. O q̄ sup-
posto. Qual he o Reyno de
Christo qua na terra? Elle
mesmo disse a El-Rey Dom
Affonso Henriques, que era
Portugal: *Volo in te & in se-
mine tuo stabilire mihi impe-
rium dilectum.* E se Portu-
gal he o Reyno de Christo
& o Reyno de Christo he
Paraizo: bem se segue, que he
hum Paraizo o Reyno de
Portugal.

432 E em nenhum tempo
foy com mais propriedade
Paraizo, do que neste. Da-
quelle

quelle Paraizo deſterrou, & deſnaturalizou o Rey da gloria a Adão, & Eva pera que não lançaſſem mão do fruto da vida: *Emiſit eum Dominus Deus de paradifo: ne forte mittat manum ſuam:* julgãdo q̄ quem foy convicto por colher o fruto da Arvore da ſciência, poderia delinquir roubando o fruto da Arvore da vida. E ainda que Adão, & Eva não lançaõrão mão do fruto da Arvore da vida, excluioſ aquelle Rey do ſeu Paraizo, pera que a não lançaſſem.

433 E como agora temos hũ Rey tão catholicos, tão zeloso da honra de Deos, tão ſolicitado da conſervação, & augmentos da Fé do ſeu Reyno, q̄ lança fóra d'elle, & deſnaturaliſa aquelles, q̄ foraõ convictos em o crime da heresia, contra o verdadeiro fruto da Sabedoria Chriſto Senhor noſſo, pera que não cheguem a profanar o fruto da vida, que ſe contem na Arvore do Sacramento: agora he com mais propriedade eſte Reyno hum ſegundo Paraizo: & o Rey, que o governa verdadeiro imitador do Rey da gloria. E tem tam-

bem o Paraizo deſte Reyno à ſemelhança da quelle Paraizo hum nobiliſſimo Eſpírito, hum Cherubim ſabio, hum Inquiſidor ſupremo, pera o defender de ſemelhantes deſacatos com a eſpada de fogo, que he o ardente zelo da Fé: *Collocavit ante paradifum voluptatis Cherubim, & flammieum gladium, atque verſatilem ad cuſtodiendam viam ligni vite.*

434 Oh que bem deſagravado eſtais, meu Deos, no Paraizo deſte Reyno, & eſpecialmente no Paraizo deſta Igreja em eſtes dias! E não ſem myſterio corre a ſolemnidade de hum d'elles por conta dos filhos de Agoſtinho. Porque os deſagravos do Sol correm tambem por conta das aguias; pois lançaõ fóra de ſy como adulterinos aos filhos, que não fitam bem em o Sol os olhos, aquelles, cujos olhos ſe aggravão com os ſeus rayos. E como neſte ſoberano myſterio ſois ſol, com grande raziã toca tambem eſte deſagravo aos que por filhos de Agoſtinho ſão aguias.

435 Bem desagravado, como eu dizia, estais meu Deos daquelle roubo sacrilego com o triunfo da vossa paciencia, de que resultou o desempenho de tres verdades. Ahi vos confessamos verdadeiramente Deos: *Verè: ver-*

dadeiramente glorioso: *Verè: verdadeiramente* alimento de nossas almas, com que se augmenta a nossa Fè: *Verè;* Ahi recorreremos todos como a fonte manancial da graça, & penhor da Gloria.

S E R M ã O

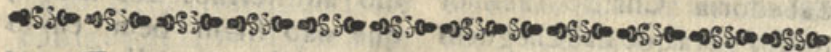
D O

GLORIOSO APOSTOLO,
& Evangelista.

S. IOAM

P R E G A D O

N A C A P E L L A R E A L,



Domine, hic autem quid? Quid ad te? Joan. 21.

436



V M A pergunta de Pedro, & huma reposta, ou reprehensão de Christo contem as palavras do Evan-

gelho, que escolhi pera thema. Poz Pedro os olhos em Joaõ: *Conversus Petrus vidit illum Discipulum: & este Discipulo q̄ a Pedro roubou os olhos, também lhe enleou os cui-*